

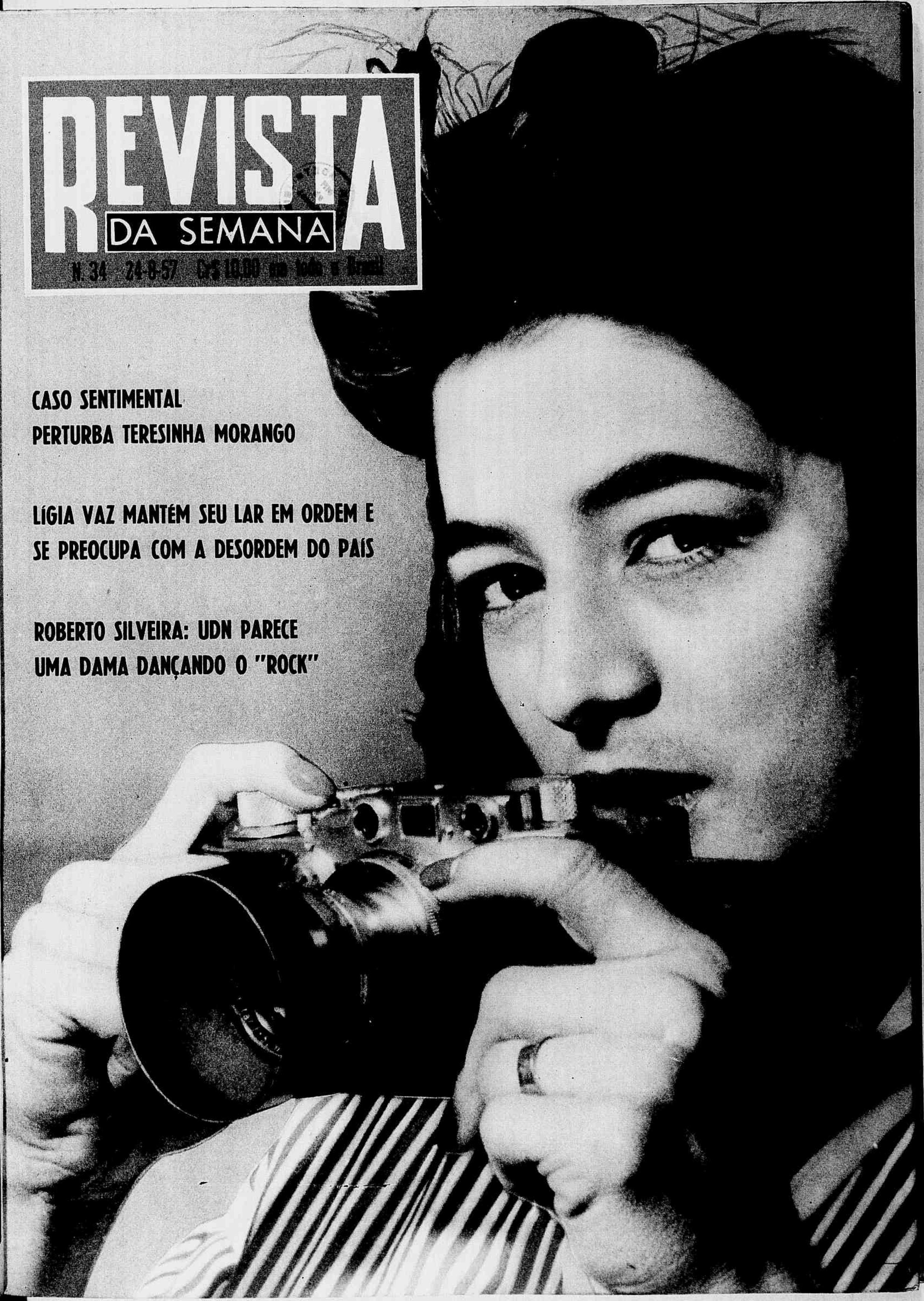
REVISTA DA SEMANA

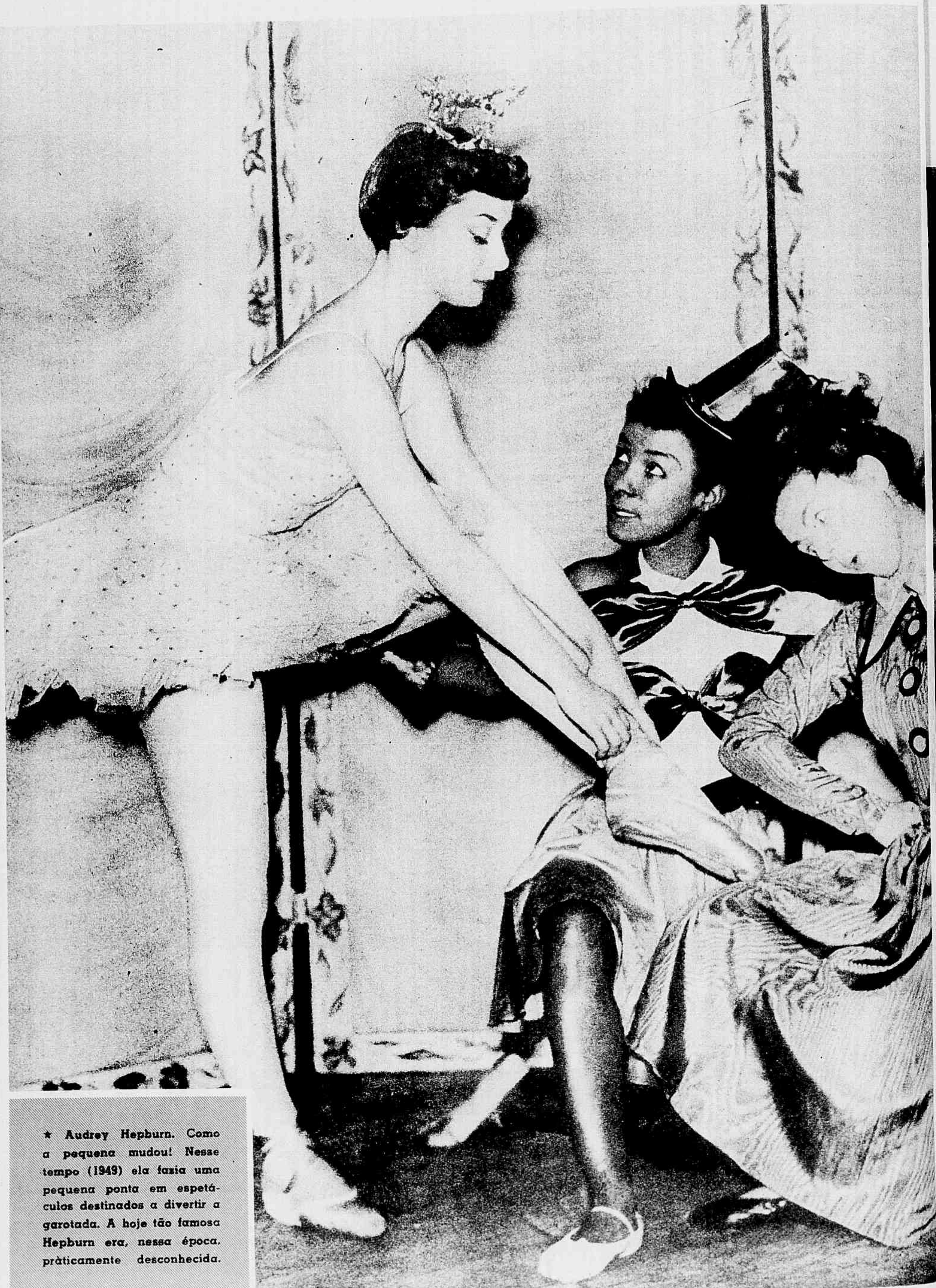
N. 34 - 24-8-57 - C\$ 10,00 - em toda a Brasil

**CASO SENTIMENTAL
PERTURBA TERESINHA MORANGO**

**LÍGIA VAZ MANTÉM SEU LAR EM ORDEM E
SE PREOCUPA COM A DESORDEM DO PAÍS**

**ROBERTO SILVEIRA: UDN PARECE
UMA DAMA DANÇANDO O "ROCK"**





★ Audrey Hepburn. Como a pequena mudou! Nesse tempo (1949) ela fazia uma pequena ponta em espetáculos destinados a divertir a garotada. A hoje tão famosa Hepburn era, nessa época, praticamente desconhecida.

Sôbre o realismo udenista e a sucessão fluminense

Roberto Silveira, secretário-geral do PTB declara:



Roberto Silveira (secretário-geral do PTB): não teme as ofensivas udenistas junto ao proletariado

UDN PARECE UMA SENHORA DE 60 ANOS DANÇANDO O "ROCK"

Reportagem de NELSON GOMES LEITE

— A incursão da UDN no terreno trabalhista faz lembrar uma senhora de 60 anos querendo dançar o «rock». O programa partidário da UDN é a própria negação do trabalhismo. Os interesses que ela sempre defendeu (com grande brilho, por sinal) são os justos interesses das classes conservadoras. Pre-

tendendo defender, agora, os trabalhadores ela, fatalmente, perderá os eleitores com que tem contado até agora e não conseguirá, disputando com o PTB, o voto do proletariado, — declarou Roberto Silveira, vice-governador do Estado do Rio de Janeiro e virtual candidato ao governo fluminense em 1958.



João Goulart: segundo Roberto Silveira, o maior interessado na reestruturação do PTB

♦ **ESTÍMULO** — O sr. Roberto Silveira encara a nova linha traçada pela direção udenista (realista) como um estímulo à manutenção «da luta em defesa do proletariado». Acha que com o desenvolvimento do PTB, nos últimos anos, nenhum outro partido terá possibilidade de arrebatar-lhe a bandeira trabalhista.

Todos os eleitores, da classe média mais pobre para baixo, se inclinam, por intuição e coincidência de reivindicações, para o trabalhismo, afirma o vice-governador.

♦ **REESTRUTURAÇÃO NO PTB** — Analisando a situação e a posição do deputado Fernando Ferrari, disse o sr. Roberto Silveira, que, no PTB, todos pensam da mesma forma que o deputado gaúcho.

— Mas — ressaltou — nenhum de nós foi a uma tribuna extrapartidária, para debater problemas e assuntos domésticos do partido. Esses problemas são antigos e há muito estão sendo debatidos dentro do partido, principalmente pelo sr. João Goulart.

Já em 1952 o sr. Alberto Pasqualine havia feito um estudo sobre as modificações doutrinárias do

PTB. O que existia, entretanto, é que a personalidade marcante do sr. Getúlio Vargas não admitia um grande programa de ação partidária. Por isso, enquanto Vargas viveu, não foi possível levantar uma bandeira trabalhista, pois bandeira e programa do PTB era o próprio Vargas. Ele era a doutrina.

♦ **CHEGA O MOMENTO OPORTUNO** — Depois da morte de Vargas veio a fase «eleitoreira», quando todos os partidos estavam empenhados na luta das urnas. Não era possível, de imediato, pensar em doutrina.

Sòmente depois da posse do sr. Juscelino foi que o partido sentiu chegada a hora de reestruturar-se, pois bandeira e doutrina haviam silenciado a 24 de agosto, com a morte de Getúlio Vargas.

Disto a direção nacional do PTB, com o sr. João Goulart à frente, vem cuidando há ano e meio, informou o sr. Roberto Silveira. Foi constituída uma comissão composta dos srs. Fernando Ferrari, Baeta Neves, Newton Santos e eu. Todos os membros dessa comissão enviaram seus trabalhos à direção nacional. Os trabalhos dos srs. Newton Santos e Fernando Ferrari foram remetidos a todos os diretórios



Fernando Ferrari: levou para a tribuna extrapartidária os assuntos domésticos do PTB



Ala realista da UDN: (Lacerda e Juraci) pretensões junto ao eleitorado trabalhista

regionais do país, voltando vieram com novas sugestões. Incumbiu-se, então, a comissão, de elaborar um parecer sobre os trabalhos desses dois correligionários e sobre as sugestões oferecidas pelos diretórios regionais.

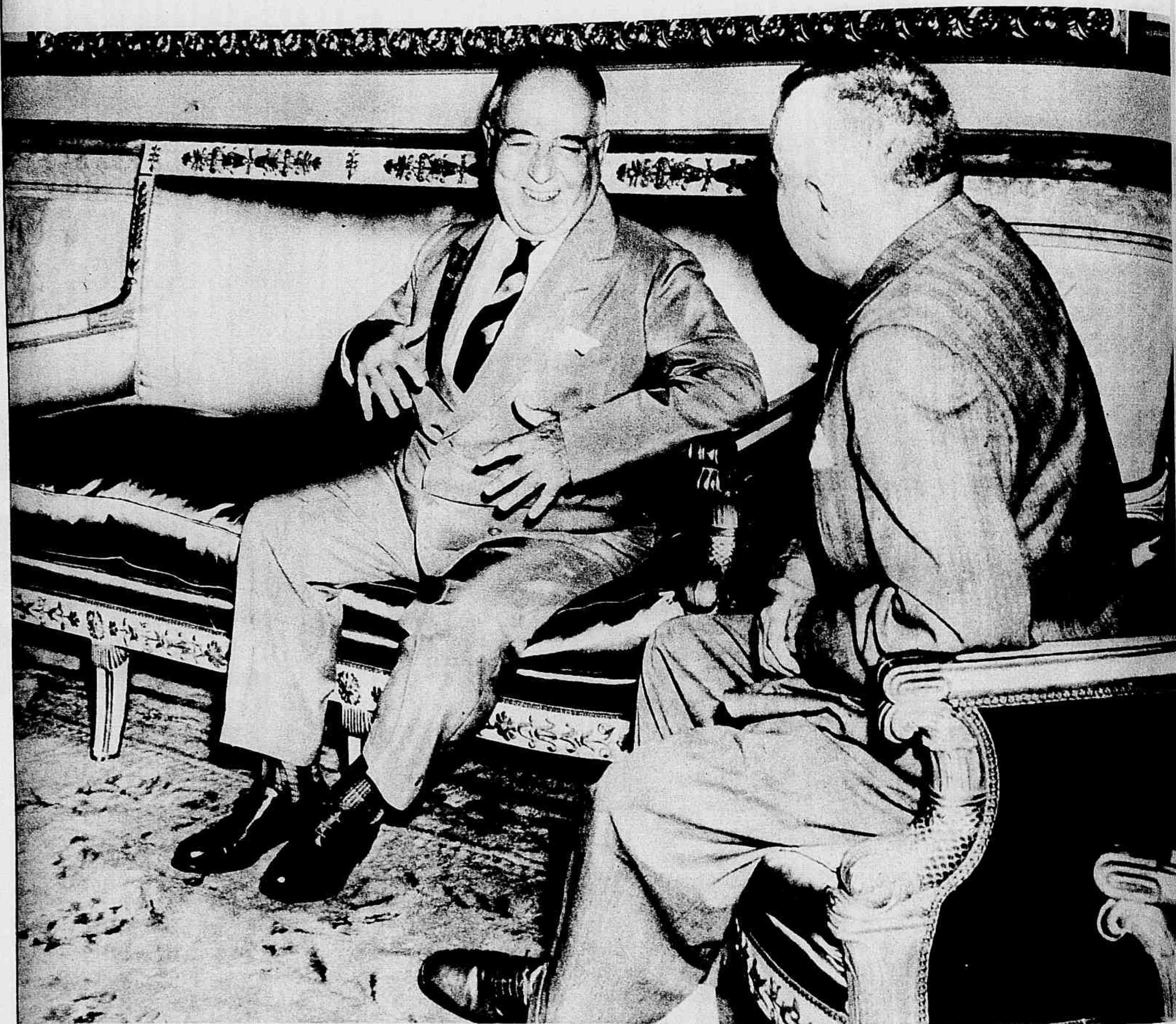
Vou entregar este parecer, até o fim do mês, à direção nacional do partido, — afirmou.

♦ **CANDIDATO A GOVERNADOR** — O sr. Roberto Silveira foi o primeiro candidato a lançar-se ao governo do Estado do Rio para as eleições de 58. O próprio embaixador Amaral Peixoto — apontado como o nome mais forte com que poderá contar o PSD — ainda não decidiu se será ou não candidato ao Palácio do Ingá. Sua candidatura, afirmam os próceres do PSD, viria colocá-lo fora da sucessão presidencial, cortando-lhe as aspirações ao Catete, candidato em potencial que é, dada sua condição de presidente do PSD. Essas possibilidades são aumentadas ainda mais pois que o PSD não lançará como seu candidato à presidência, nas próximas eleições, um mineiro, para a sucessão do mineiro Kubitschek.

Por outro lado, o sr. Amaral Peixoto se vê enredado com a maior crise de que se tem notícia no PSD fluminense. Só o seu próprio nome é apontado como denominador comum, capaz de unir tôdas as alas em que se acha dividido, atualmente, o partido. E isto, evidentemente, não lhe interessa.

♦ **TERCEIRA POSIÇÃO** — Pelo que se sabe, está inclinado o nosso embaixador em Washington a ir para uma terceira posição. Seu nome seria lançado como candidato, tendo como vice o sr. Barcelos Feio. Se eleito, após três meses de governo o sr. Amaral Peixoto renunciaria ao governo do Estado, onde ficaria o sr. Feio, homem de sua integral confiança. Com isto, a crise do PSD fluminense seria contor-

UDN parece uma senhora de 60 anos dançando o "Rock"



Vargas: bandeira e doutrina do trabalhismo

nada, ao mesmo tempo que o presidente nacional do PSD não veria sua trajetória ao Catete ser interrompida.

♦ **DE QUALQUER MANEIRA** — Falando sobre sua candidatura ao governo fluminense e sobre a possibilidade de se defrontar, nas urnas, com o sr. Amaral Peixoto, afirmou o sr. Roberto Silveira:

— O PTB vai concorrer às eleições de 3 de outubro de 1958 com candidato próprio, de qualquer maneira e qualquer que seja seu adversário. Hoje, na realidade, o PTB é a maior força eleitoral no Estado. Lutarei com prazer todo especial contra meu amigo Amaral Peixoto, pois poderei ter a certeza que, desta forma, a campanha será realizada num clima elevado.

Acho que teremos somente dois candidatos, ainda. Um do PSD (Amaral Peixoto) e outro do PTB (Roberto Silveira), com o apoio de todas as forças anti-amaralistas (UDN, PSP, PR e PSB).

Informou o sr. Roberto Silveira que os acordos que o PTB fará com todos os partidos que queiram apoiar a candidatura petebista serão feitos à base de um grande plano de administração para todo o Estado. Esse plano está sendo feito por diversos técnicos e assessores do PTB. Depois de pronto, será submetido a esses partidos, que apresentarão sugestões, na que julgarem conveniente modificá-lo.

— A distribuição de cargos aos partidos que apoiarem o PTB será feita proporcionalmente ao número de eleitores de cada um — concluiu o sr. Roberto Silveira.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

UDN parece uma dama dançando o «rock»	3
O Viajante	7
Falta a muitos brasileiros decisão para tomar atitudes mais arrojadas	8
Linhas em luta por nova moda	12
Samba não tem direito a passaporte	14
Mais fácil e mais perto chegar nadando a Niterói	19
Pernas pro ar que ninguém é de ferro	30
As ostras fazem ponto na Barra da Tijuca	41
100 mil crianças ficam sem escola	45
Meu caso não é câncer	48
Sortilégio (negro) no Municipal	52
Não sei se digo «yes» ao Bill	59

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Parte simples — Um ano	Cr\$ 500,00
Seis meses	Cr\$ 250,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 750,00
Seis meses	Cr\$ 375,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 900,00
Seis meses	Cr\$ 500,00

O número avulso custa Cr\$ 10,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 11,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da
Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratuliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Diagramação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

COLABORADORES:

Augusto Frederico Schmidt, Eneida, Ely Azeredo, Fernando Lôbo, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mister Eco.

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques, Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratônio & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



♦ **CAPA** — Que fazem as vedetas às segundas-feiras? Veja o que diz Anilza Leoni (a garota da capa, numa foto de Adir Vieira) e outras artistas de nosso teatro de revista, em reportagem que vai da página 30 à página 37.

O VIAJANTE

♦ Não fôsse um proveito professor de Direito Romano da Pontifícia Universidade Católica, um homem respeitado pela sua vida pública e particular e não estaria fazendo tanto barulho o dr. João de Freitas Guimarães, aquele estranho ser que acaba de realizar uma viagem estranhíssima. Foi a Marte e não desembarcou: deu uma voltinha num disco voador e está são e salvo, na sua terra, na sua casa, felicíssimo, contando as maravilhas que viu. Fala numa luz existente dentro do tal disco que não sai de nenhuma lâmpada; uma belíssima luz azulada ou esverdeada, que isso de luz sem ser dessas cores não dá para encantar nenhuma descrição. Fala e desenha o disco: aqui uma sala, um divã, ali outra e por aí vai que não irei repetir aquilo que os leitores devem ter lido nos jornais. Conheço muita gente capaz de realizar viagens assim; custam baratíssimo e eu mesma, quando o cansaço toma conta de meus sentidos e pesa em meu corpo, fecho os olhos e vou ver uma certa amendoeira tão bonita existente na praça da Ópera em Paris, vou visitar de mansinho certos recantos de minha terra: a avenida Nazaré onde andei menina, a S. Jerônimo onde gostava de passar nas tardes depois do sol partir, viajar em certos lugares de Recife, cidade de muito amor, em Salvador, e até mesmo ir comer, num lugar distante de Curitiba, alguns minutos, pastéis esplêndidos na casa de uma senhora chamada Boneca, possuidora de um restaurante na beira de uma estrada.

♦ A viagem do professor da Pontifícia Universidade Católica não me impressionou. Foi a Marte como vou a vários lugares de vários Estados e até mesmo de outros países. Só não compreendo como o digníssimo viajante conseguiu certas coisas fabulosas: conversar com os marcianos pela telepatia (se eu fizesse isso ia dar um bruta confusão na cabeça dos probrezinhos) como, sem mais aquela, quando viu uma escada descer de um aparelho desconhecido, subiu logo por ela que isso de escada é mesmo para subir ou descer. Também não compreendo que depois desse gesto tão audacioso nosso ilustre professor não tenha querido descer em Marte. Desgraça pouca é bobagem. Já que estava ali, conversando telepaticamente com homens louros de longos cabelos e alto porte, o melhor seria dizer-lhes que pretendia ver Marte, passear por lá pelo menos alguns minutos. Faria então o que fazem muitos viajantes, que passam horas em certos países e quando voltam desandam a contar maravilhas, viram coisas mil e tantas que acabam sendo os donos daquela terra onde apenas passaram.

♦ Errou muito o professor nessa viagem. E errou ainda mais quando declarou que iria repeti-la no dia seguinte. Os marcianos convidaram-no para ir e vir no disco e com isso juntou gente, imprensa, rádio e até televisão, todos ansiosos para contar, irradiar, gravar, televisionar, cinematografar o feito: o professor subindo no disco voador, dando adeus aos que ficavam, os marcianos sorridentes como as aeromoças das nossas terrenas companhias de aviação. Prometeu mas sua telepatia não funcionou. Os marcianos não vieram. Fôsse uma pessoa qualquer, dessas que os jornais chamam «indivíduo» e estaria desgraçado a esta hora, o viajante. Mas é professor, respeitê-mo-lo, é digno homem, acatemos pois suas palavras sábias e justas. Por mim o caso não espanta: viajo quando quero e como quero. Apenas não conto, quando volto de minhas viagens, nada a ninguém. Poderiam dizer e com razão que eu estou louca. Mas quem não o é?

ENEIDA

**DONA LÍGIA VAZ, FALANDO À
IMPRENSA PELA ÚLTIMA VEZ:**

FALTA A MUITOS BRASILEIROS DECISÃO PARA TOMAR ATITUDES MAIS ARROJADAS

"NÃO ADMITO QUE OS FILHOS DE RUBENS VAZ SEJAM CHAMADOS COITADINHOS: ELES SÃO FILHOS DE UM MAJOR DA AERONÁUTICA" — "SENTIMOS QUE O BRASIL DIA A DIA FICA ENTREGUE À SUA PRÓPRIA SORTE"

Texto de HAROLDO DAMASIO

Fotos "Tribuna da Imprensa"

— Esta é a última vez que falarei à imprensa sobre os acontecimentos ligados à morte de meu marido.

Depois de muita relutância, Dona Lígia, viúva do major Rubens Vaz, concordara em falar. Não deseja reviver os trágicos acontecimentos de há três anos. Mulher de fibra, é com serena firmeza que procura dar a seus quatro filhos um ambiente sadio e, tanto quanto possível, feliz. Quer que eles cresçam como as outras crianças. Para isso procura guardar, consigo mesma, a tristeza de sua viuvez.

— Não admito que meus filhos sejam chamados coitadinhos. O pai deles era um Major da Aeronáutica. Vivíamos uma vida simples, porém honrada e feliz. Criávamos nossos filhos neste apartamento, que estávamos pagando pela tabela "price". De agora em diante, eu apenas rezarei missa no aniversário da morte de Rubens. Mas rezarei missa de caráter público, para que não se esqueçam que alguém morreu pensando em um Brasil melhor para seus filhos.

AJUDA DOS AMIGOS

Seu montepio, sabíamos, é pequeno. Como podia ela manter-se, educar os filhos?

— É uma pergunta indiscreta — responde — mas não me negarei a responder. Recebo montepio de 7 mil cruzeiros. Durante o primeiro ano recebi, apenas, 3 mil, mas, depois, com os aumentos havidos, e a promoção "post-mortem", aumentou. Eu não mantenho meu lar apenas com isso. Logo

após a morte de Rubens, um capitalista de São Paulo, sr. José Ferraz Camargo, como toda a imprensa noticiou, na época, pagou o restante da nossa dívida deste apartamento. Isto aconteceu quando colegas de meu marido estavam-se cotizando para pagarem a mesma dívida. Eles resolveram correr uma lista pelas bases — quem quisesse contribuiria com um dia de seu ordenado. Assim foi feito. Na mesma ocasião, pessoas generosas e amigas depositaram quantias, nos bancos daqui e de São Paulo, para meus filhos. Com os rendimentos dessas quantias completo a subsistência de minha família.

INGRESSO NO JORNALISMO

— Além disso — prossegue Dona Lígia — conto com meu ordenado na "Tribuna da Imprensa". A assembléia geral daquela empresa resolveu dar-me, no jornal, um cargo de honra, que eu ainda não pude assumir, por que estou organizando minha casa e não posso exercer funções externas. Mas estou me preparando para trabalhar como jornalista e fazer jus ao que ganho. Escreverei sobre assuntos femininos. Eu tenho, aliás, certa tendência e gosto para assuntos de crianças, de pediatria.

MANUAL DE RUBENS

Entra na sala a garôta mais velha (10 anos), Maria Cristina. Não gosta de repórteres nem de fotografias. E logo chegam os outros filhos do Major, de 8, 6 e 4 anos, todos fortes.



"Agradeço a todos que coopera-
ram e cooperaram para a educação
e o conforto de meus filhos"



DONA LÍGIA VAZ AO LADO DO BRIGADEIRO EDUARDO GOMES. "PENSO QUE ELE DESAPROVA TUDO ISSO"

tem casados. Condições de assuntos escolares, de livros. Dona Lígia recorda:

— Rubens havia escrito um livro sobre segurança de voo, que está sendo adotado em todas as bases. Eu conhecia esse manual, mas não sabia que seria utilizado na Aeronáutica. Isso me alegrou, muito. Quando de sua morte, colegas seus que estavam aqui levaram o manual, dizendo que seria de grande utilidade e agora estou vendo que realmente ele está sendo aplicado.

UM POUCO DE POLÍTICA

Trazemos a conversa informal para o terreno político. Que acha a viúva do Major Rubens Vaz do alô do Clube da Aeronáutica?

— Mais uma vez — responde — a Aeronáutica demonstrou que está unida e solidária ao coronel Adil, preterido injustamente, e por perseguição, no seu direito a ser promovido.

REVISTA DA SEMANA — 19

Quando acontecem coisas como esta, que revoltam, quando pela marcha dos acontecimentos, sentimos que o Brasil, dia a dia, fica entregue à própria sorte, eu fico triste, penso no Rubens, penso no futuro das crianças e me torno ainda mais udenista.

O BRIGADEIRO NOS ACONTECIMENTOS

Sua opinião sobre a posição do brigadeiro Eduardo Gomes em todos estes acontecimentos:

— Creio que ele reprova. Mas ele não é de falar muito. Sempre encerra um assunto com duas palavras. Não foram poucas as vezes em que eu indaguei dele o que poderia ser feito para que as coisas não continuassem assim e ele, quase sempre, respondeu dizendo: "Já esteve pior e a tendência é melhorar." Na realidade, o pessoal mais jovem da Aeronáutica, a turma dos maiores, é mais impulsiva, e os mais velhos

"NAO P

são ma
mens e
plicaçã
atitudes
(referia
tando c
gos são
ceridad

Dona

— A
é apen
com os

A ser
mento:



"NÃO FALTAREI AS HOMENAGENS A MEMÓRIA DE UM BRAVO QUE MORREU PENSANDO NO FUTURO DO BRASIL"

são mais ponderados. Acredito que o mal não seja dos homens e sim da situação, da qual eles são fruto. É esta a explicação que encontro. Falta decisão a certos brasileiros para atitudes mais arrojadas. Falta, sobretudo, mais alguns Carlos (referia-se ao deputado Carlos Lacerda). Fica ele sozinho, lutando corajosamente contra a situação. Às vezes, seus artigos são fortes e, por isso, discutidos, mas é natural, pela sinceridade com que escreve.

Dona Lígia acredita na vitória da UDN:

— A massa que tem comparecido aos comícios — diz — não é apenas de simples curiosos, mas de pessoas que vibram com os discursos dos oradores udenistas.

ÚLTIMAS PALAVRAS

A senhora Lígia Vaz deseja tornar público um agradecimento:

— Já que esta nossa conversa vai ser reproduzida na REVISTA DA SEMANA, gostaria de agradecer, por ela, a todas essas pessoas, muitas anônimas, que cooperaram e cooperam para a educação e o conforto dos meus filhos.

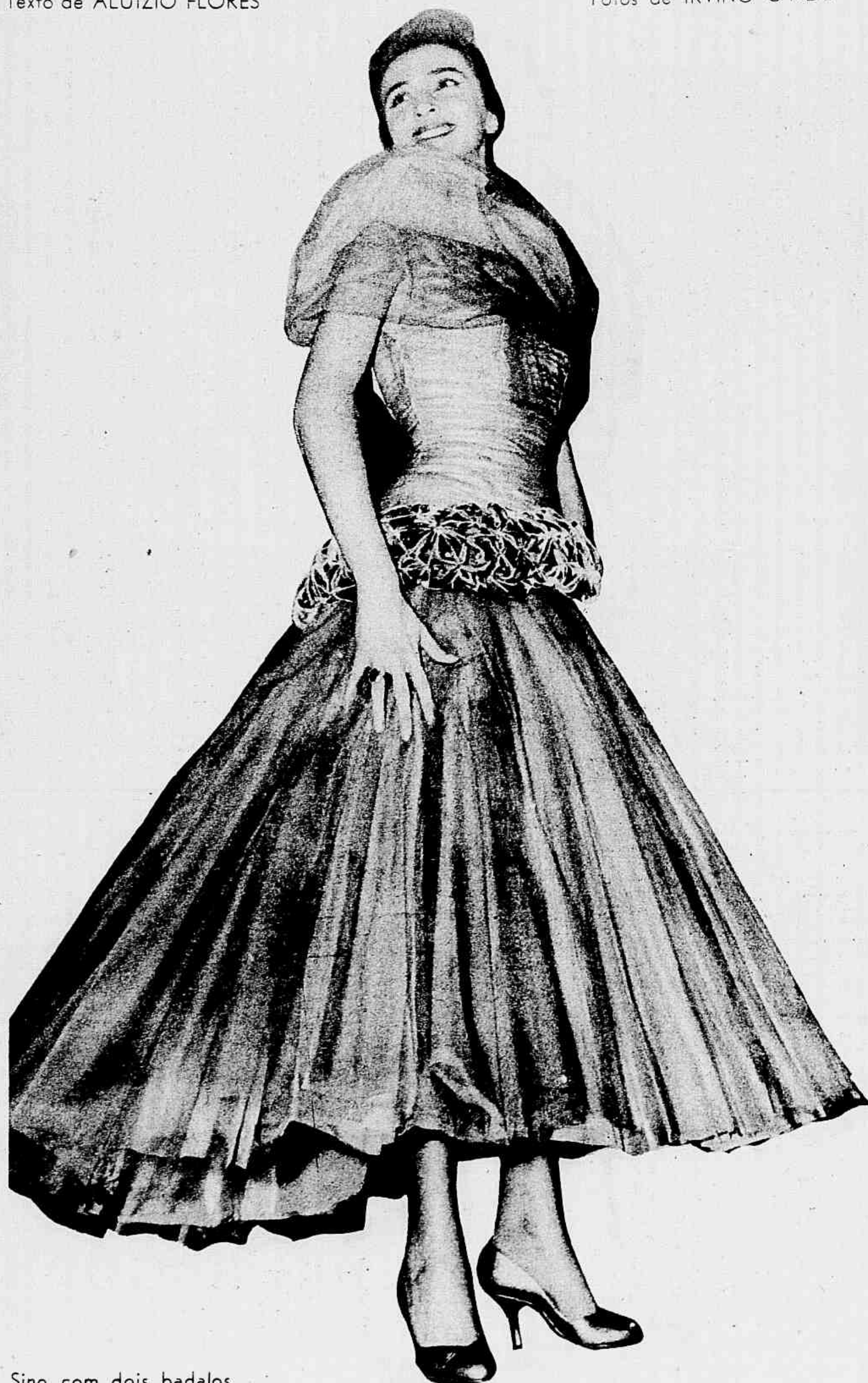
Por fim, as últimas palavras à imprensa:

— Estarei sempre ausente a qualquer publicidade sobre os fatos referentes à morte de meu marido. Esta será a última vez que falarei do assunto para a imprensa. Mas continuarei cumprindo minhas obrigações perante a memória do bravo que deu sua vida acompanhando um brasileiro que comungava dos mesmos ideais. O Brasil precisava do Carlos, para gritar, para reclamar contra o que devia ser endireitado. Rubens, desarmado, investiu contra um assassino que tentava matar não apenas um homem público, mas a vontade de grande parte do Brasil — nele representada — de pôr fim à corrupção existente.

LINHAS EM LUTA POR NOVA MODA

Texto de ALUIZIO FLORES

Fotos de IRVING O'NEIL



As tendências em cotejo

♦ A luta que se trava entre as três mais destacadas linhas da moda feminina no Rio de Janeiro — a de ida e volta, a branda e a angulosa — fazem prever que o Distrito Federal será em breve, um centro irradiador de elegância para o mundo inteiro, se os costureiros indígenas conseguirem caldear (e harmonizar) essas tendências de origem estrangeira.

O cotejo das três linhas foi realizado, embora veladamente, no desfile do Clube do Cinema do Rio de Janeiro, onde tôdas ganharam muitas palmas (dos homens), mas as mulheres, evidentemente ansiosas por uma tendência definitiva de elegância, deixaram transparecer sua insatisfação, que se fixa justamente na diversidade de concepções, incompatíveis entre si, com a graça da moda, no fundo uma

Sino com dois badalos.



— a angulosa à direita

Moda de ida e volta, manequim nas duas posições.

A elegância de ida e volta, lançada pelo costureiro francês Pierre Balmain e que consiste no aproveitamento integral dos recursos físicos do manequim, inclusive as costas — mostrando que a mulher pode ser tão elegante na ida quanto na volta — foi levada às últimas consequências no Clube do Cinema, chegando-se ao exagêro de criar uma outra frente (pela retaguarda) mais bonita do que a natural. Um lindo feitio em tafetá rosa, com grandes laços da mesma cor estrategicamente aplicados às duas frentes do modelo, tornaram o vestido tão desequilibrado em favor da retaguarda — no caso apenas convencional — que, se o manequim tivesse a qualidade (gimnástica) da coruja, de girar a cabeça 180 graus sobre o próprio corpo, poderia mudar de aspecto (para melhor) mesmo sem ir ao toilette.

◆ **LINHA BRANDA** — Uma nova linha da moda feminina — a branda — que só se presta para a elegância das mulheres esguias, causou um certo «frisson» à assistência (masculina) do desfile do Clube do Cinema, onde foi apresentado um modelo que acompanhava e realçava, com brilhantes lantejoulas, as curvas do seu manequim. Mais uma vez os ensinamentos de Pierre Balmain foram empregados e o modelo apresentava um grande laço, nas costas e abaixo da cintura, de maneira que dava a impressão (com muita propriedade) de uma caudalosa cascata.

◆ **LINHA ANGULOSA** — Uma terceira linha da moda feminina — esta de origem ainda desconhecida — que emprega, com grande habilidade, os ângulos de 90 graus para esconder a gordura do manequim sem torná-lo bicudo, também foi lançada (meio de trás da esquina) durante o desfile do Clube do Cinema. Não impressionou muito a assistência, de um modo geral, mas transmitiu euforia (justificada) a algumas senhoras mais robustas que apreciavam o desfile.

◆ **BÓCA (TORTA) DE SINO** — O único modelo apresentado no Clube do Cinema e que não obedeceu a qualquer das tendências (em luta) da moda, foi um feitio em tule cinza, com fundo rosa e uma espécie de coroa em volta dos quadris. A saia do vestido (bem rodada) tinha a forma de um sino de boca mal cortada na altura da canela de sua dona e a borda, um tanto franzida, aumentava a impressão de que os pés do manequim eram dois badalos arbitrariamente compridos.

◆ **OS OBEDIENTES** — Ainda três modelos — um azul com bolinhas brancas (ida e volta), outro verde bem triangular (anguloso) e um terceiro marron, que tornava seu manequim alto e curvilíneo — obedecendo às três linhas da moda, cujo caldeamento é esperado com ansiedade em benefício da elegância feminina, impressionaram vivamente os espectadores, quase todos gente de cinema, teatro, rádio, televisão e imprensa.

SAMBA NÃO TEM DIREITO A PASSAPORTE

ENQUANTO UMA CORTINA DE PAPEL TORNA DIFÍCIL AO DISCO BRASILEIRO TRANSPOR AS FRONTEIRAS NACIONAIS, OUTROS PAÍSES «BAILLAN LA SAMBA» COM DISCOS EXPORTADOS, LIVREMENTE, PELAS NAÇÕES VIZINHAS — ARTISTAS E INDUSTRIAIS UNÂNIMES: É PRECISO EXPORTAR, LIVREMENTE, NOSSO DISCO PARA TODO O MUNDO

Texto de MAURICIO QUADRIO

U

MA cortina de papel isola do mundo o disco brasileiro. E não é fácil — melhor, é muito difícil — romper essa cortina. Se você deseja enviar um disco a um amigo europeu ou norte-americano, naturalmente o embala, põe o endereço e vai à seção de expedição dos Correios. Mas lá o funcionário dirá: «não é permitido enviar discos». Então começa verdadeira odisséia. «Só no «Collis Postaux» — diz o funcionário, e você vai para lá, na Rua do Mercado, onde também não consegue expedir a encomenda, e outro funcionário lhe explica:

— Em primeiro lugar você o embale, em uma caixa especial, com estas e aquelas características. Depois vá ao Banco do Brasil (não nesse edifício aqui ao lado do «Collis», mas lá na Presidente Vargas, 328, 7º andar) e requeira uma guia de embarque e três guias de

exportação Modelo B, juntando duas estampilhas de Cr\$ 2,00 (federais) e um selo de Educação. E aguarde o despacho.

♦ SE NÃO DESISTIU... — Como o Banco do Brasil é do Brasil e, portanto, não está imune à burocracia, talvez você desista. Mas, se insiste, você terá que fazer uma carta ao Chefe da Fiscalização Bancária, explicando as razões profundas que lhe fizeram nascer na cabeça esta idéia estapafúrdia de enviar um disco para o exterior. Depois (quando?) recebe a papeleta e vai ao Serviço de Censura e Diversões Públicas, também na Presidente Vargas, 502, onde pede a «devida autorização». Outro dia apanhará a papeleta, põe na pasta, toma a caixa especial com o disco e leva tudo no «Collis Postaux», onde paga Cr\$ 70,00. Um dia seu amigo europeu ou norte-americano receberá o samba que você mandou.

♦ ENQUANTO ISSO... — Enquanto o Brasil não pode exportar

discos,
dos pe
há cort
conhece
músicos
este ou

«U
che
ci
l'in
«U

Estas
tornam

pixinguinha

e
sua
banda

sambas
de
ontem

GAS DE

as do Brasil

conta Onessimo Gon

discos, os países estrangeiros «baillan la samba» em discos exportados pelos nossos vizinhos latino-americanos, em cujos países não há cortina de papel barrando a música nas fronteiras. E o mundo conhece nossa música popular através das interpolações feitas por músicos estrangeiros. Não o samba de Mangueira e da Portela, mas este outro, por exemplo, de origem italiana:

«Uéi, bailamos la samba
che del Brasil
ci fa sentir
l'incantamento
«Uéi! quanto fuego, caramba!...»

Estas gravações entram em nosso país, também, livremente, e se tornam populares, como populares se tornam, entre nós, os cantores,

regentes e conjuntos de outros países. Enquanto isso, em Londres, um funcionário da Embaixada Brasileira jamais ouvira falar de Ivon Curi.

◆ PREJUÍZOS — As dificuldades à exportação do disco brasileiro causam ao país grandes prejuízos. Não sendo conhecida, no exterior, nossa música, é difícil a uma fábrica estrangeira fazer um lançamento de vulto. As «tournées» de nossos artistas alcançam (quando alcançam) êxito limitado, se a praça não é, antes, «trabalhada» por seus discos. E a propaganda? O Governo dispende somas enormes em escritórios, birôs de propaganda do café, do mate, disso, daquilo. Fala-se em incentivar o turismo, tornar o Brasil conhecido no mundo inteiro, mas ninguém se lembra de que o disco poderia ser o bandeirante de nossa música popular, levando a todos os países a permanente mensagem musical de nosso povo.

SAMBA NÃO TEM DIREITO A PASSAPORTE



CELSON BRANT

Diretor da PRA-2 — Chefe do Gab. do Min. da Educ.

♦ A proibição da livre saída das gravações brasileiras representa a maior barreira para a divulgação da nossa música popular no estrangeiro. Seria o mesmo que impedir a saída dos nossos livros. Ora, é evidente que o interesse da nossa cultura está na sua expansão para mercados novos, na conquista de novos horizontes. A música brasileira tem sido recebida com aceitação em tôdas as partes do mundo. Infelizmente, a nossa burocracia impede que tenha um sentido de permanência essa mensagem de sensibilidade e beleza que enviamos a outros povos.

BRAGUINHA

Compositor e diretor da Musidisc

♦ O disco brasileiro, bem «trabalhado», poderá fazer no exterior a maior e mais eficiente propaganda que já se fez do Brasil. Por isso acho que os Poderes Públicos deveriam dar as maiores facilidades para a sua exportação.



JIM BARBOSA

Presidente da Sociedade dos Artistas Líricos Brasileiros

♦ Dificultar a saída dos nossos discos é entravar a divulgação da nossa música pelo mundo afora. E proibir a exportação da arte, em qualquer das suas manifestações, é cometer suicídio cultural.



CLAUDIO LUIZ PINTO

Presidente e fundador da
«Copacabana-Discos»

♦ A exportação da música brasileira gravada pode vir a ser uma das nossas principais fontes de divisas, se ajudada, apenas, pela extinção das barreiras burocráticas, pelas nossas autoridades governamentais. A sede do estrangeiro pelos nossos ritmos é tão grande que ele chega a «fabricá-los» para uso próprio em vista da dificuldade de obtenção nas fontes de origem. E, por ironia da sorte, às vezes o Brasil importa o seu próprio ritmo na forma de um samba francês ou de um baião italiano.



ALBERTO PITTIGLIANI

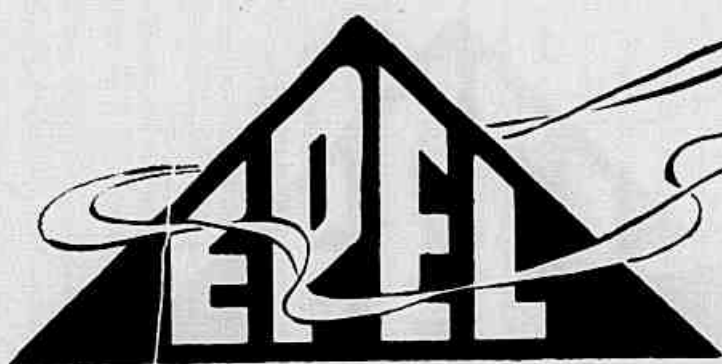
Diretor-Presidente da Cia. Brasileira do Disco

♦ Não é segredo algum que os mercados estrangeiros estão ávidos da boa música brasileira. Avolumam-se as correspondências recebidas de interessados em importar nossos discos e nossa música. Nas diversas ocasiões que tivemos em exportar nosso produto, obtivemos resultados negativos no que se refere à parte comercial. Com isto, desistimos completamente de angariar novos mercados. Os entraves apostos pela burocracia federal são os principais responsáveis pela nossa atitude que, de certo modo, pode parecer anti-patriótica. Para se fazer uma exportação temos que criar um departamento à parte. Funcionários especializados serão contratados para acompanhar nos labirintos burocráticos as diversas fases de cada operação exigida na tramitação do processo de exportação. Além disso, surge outra questão. A do preço do disco. Nosso preço para exportação é mais baixo do que o nosso preço para o mercado interno. Entretanto, os mercados externos retraem-se em

virtude de termos de vender as divisas abaixo do real valor. Preferem então comprar de outros mercados sul-americanos ou mesmo dos EE. UU. de onde obtêm melhores cotações. E as nossas prováveis fontes de divisas dissipam-se... Ante todas essas fontes de dificuldades e obstáculos surge um comércio rendoso: o contrabando. E pelas nossas fronteiras vão-se esvaindo nossos produtos. Nós, os fabricantes não perdemos coisa alguma: os discos nos são pagos no mercado interno. Quem vai perder é o Governo, que deixa escapar divisas, não recolhe os impostos, etc. A música tem um sentido eminentemente cultural como é do conhecimento de todos. E o disco é o seu melhor veículo por ser acessível a todas as bolsos, acesso a todos os lares, e disponível a todas as horas. Acredito que o disco tenha a mesma função do livro, além de divulgar as coisas nossas, tipicamente brasileiras, nem sempre encontradas num livro. A nossa indústria orgulha-se de utilizar 100% de material brasileiro na confecção de seu produto. A facilidade de exportação de discos facultaria também a expansão de outras indústrias afins tais como, vinilite, papel, artes gráficas, impressoras, produtos químicos, etc., etc.

Outra fonte de renda e prestígio para o Brasil seria a exploração de matrizes brasileiras para prensagem no estrangeiro. A facilidade de exportação de matrizes pelas fábricas acarretaria numa melhor propaganda da nossa música e do nosso país, arrecadação de direitos autorais por parte de nossos compositores. Naturalmente, no caso, a nossa indústria não receberia nem tomaria parte tão importante como na exportação de discos, que é o nosso principal problema, mas a nossa música divulgaria as nossas coisas no estrangeiro. Sabemos que muitas pessoas ligadas ao Governo e às repartições em causa estão imbuídas da melhor boa vontade mas nada podem fazer de concreto para a melhoria do atual «sistema» burocrático. Seria necessário uma reforma de base para que tal «sistema» funcionasse. Menos papéis e mais ação!

Agradeço a REVISTA DA SEMANA a oportunidade de poder expressar-me sobre tão importante problema não apenas da Indústria Fonográfica, mas da Culturas e Arte brasileiras, que se vêem tolhidas na sua expansão pelo mundo inteiro. Coloco-me de imediato à inteira disposição de qualquer Autoridade para esclarecimentos e sugestões que possam vir a colaborar na resolução do atual problema. Sei que outros colegas que dirigem empresas fonográficas no Brasil estão também dispostos a prestarem a sua colaboração desde que haja a necessária boa vontade, sempre expressada até pelo sr. Presidente da República, em prol da Música e Cultura brasileiras.



sempre a

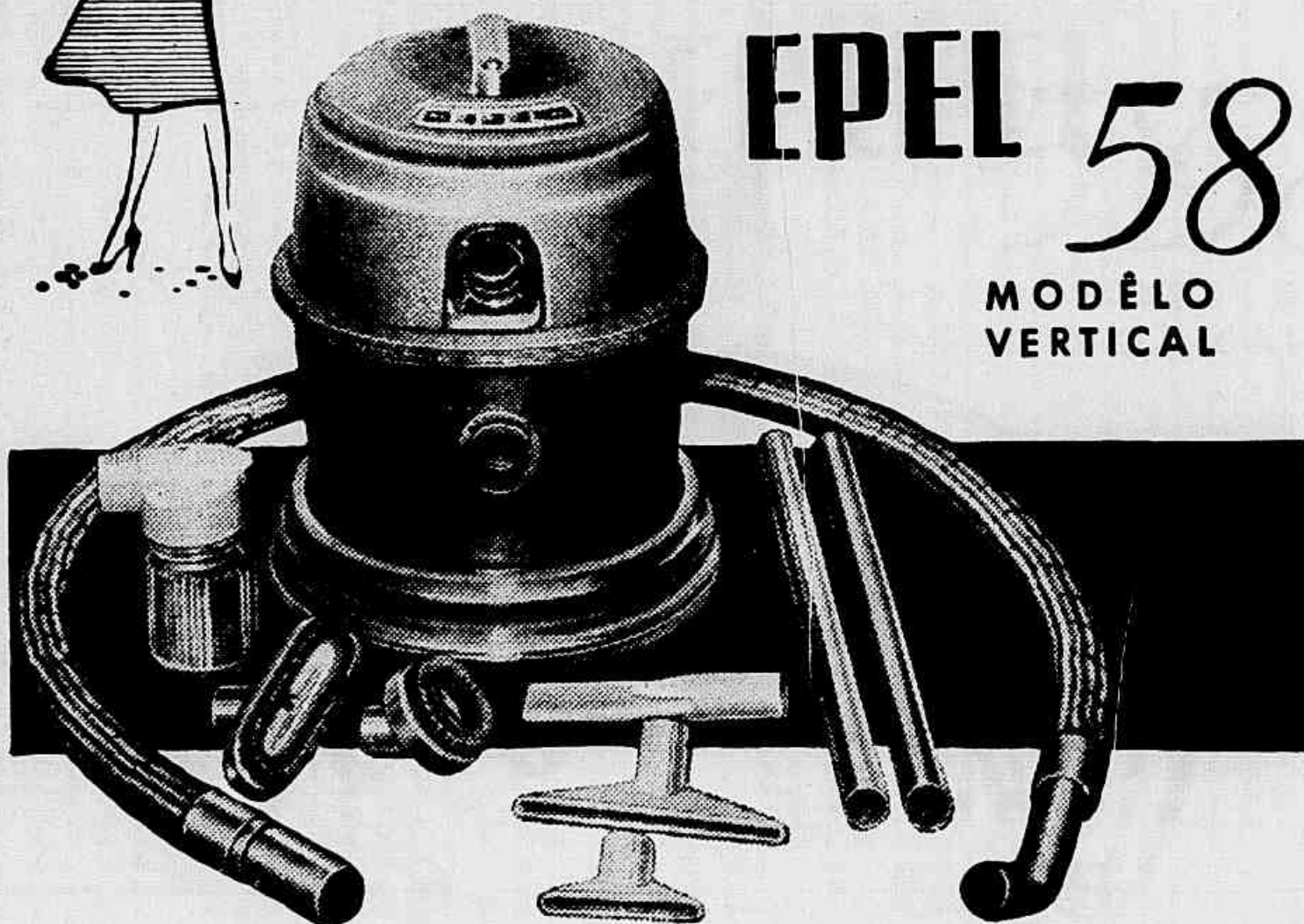
Primeira!

apresenta o

**NOVO E SENSACIONAL
ASPIRADOR DE PÓ**

EPEL 58

**MODÉLO
VERTICAL**



- O mais perfeito aparelho para limpeza, com dispositivo especial para eliminação de insetos.
- Fácil de locomover graças ao sistema de rodas, evitando o transporte manual.
- Sucção poderosa atingindo todos os cantos.
- Remoção facilíma do depósito de poeira.
- Os acessórios podem ser guardados no próprio aspirador.
- Funciona com interruptor de pedal.
- Facilidade na ligação das mangueiras.



S. A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE APARELHOS ELÉTRICOS

Matriz - São Paulo: Rua Consolação, 59 - Cx. Postal, 1460

Filial Rio - Loja - Venda de Peças e Assistência Técnica:
Rua México, 41 - 2.º andar - Conjunto 207

SUCESSO NO PALCO LONDRINO

O programa da peça de Rodney Ackland, **R Dead Secret** (agora no Teatro Piccadilly, Londres), começa com estas palavras: «Esta peça foi originalmente inspirada por algumas das circunstâncias mais vívidas de um caso célebre. Toda a peça e todos os personagens são, em todos os outros sentidos, fictícios, e não têm semelhança com quaisquer pessoas da história da vida real». Trata-se de uma nota de cautela; mas é claro que o «caso célebre» afetou de maneira acentuada a imaginação do sr. Ackland. Embora tenham transcorrido 45 anos desde que um agente de seguros do norte de Londres, Frederick H. Seddon, e sua esposa, foram acusados de homicídio de uma hóspede uma srta. Barrow, em sua casa de Park Tollington, o «caso Seddon» continua a reaparecer nos processos dos notórios julgamentos de assassinatos do século. Seddon foi considerado culpado; sua esposa, inocente. Sir Edward Marshall Hall, seu advogado, a ele se referiu como «o homem mais hábil que jamais defendi contra a pena capital». O biógrafo de Marshall Hall nota que Seddon, «obstinado, afetado, hipócrita, frio, avarento», tinha apenas uma virtude verdadeira, que era a coragem.

♦ A principal personagem de Ackland se chama Frederick S. Dyson; vive num subúrbio londrino, «Willesden Park», e em setembro de 1911 é prêso pelo assassinio de sua hóspede, uma srta. Lummus. E' nesse ponto que desce a cortina no terceiro ato; não chegamos ao julgamento, e nada mais sabemos do que acontece a Dyson, embora, caso leiamos sobre o caso Seddon, os acontecimentos dos próximos meses tornam-se claros. Ackland procura, meio indiferentemente, sugerir que deve haver certa dúvida: mas creio que todos sentirão sobre Dyson o mesmo que o eminente causídico após uma cena do terceiro ato (improvável, mas eficaz no teatro), durante a qual ele se recusa a aceitar um sumário para a defesa do homem. Nessa cena torna-se claro a qualquer um que o advogado está, com efeito, considerando Dyson culpado.

♦ A peça possui uma tensão estranha e permanente. Mesmo se imaginarmos o que deve acontecer, Dyson — figura inteiramente antipática que ele é — retém a atenção como um estudo psicológico. E' um homem orgulhoso e afetado — alcunhado «Eu Sou o Tal». Bastante hábil nos negócios, e corajoso em seus modos, ele possui os vícios inextirpáveis da aspereza e da extrema ambição. Em sua alma não existe a piedade, e por dinheiro ele fará qualquer coisa. Um de seus pensionistas é uma idosa mulher neurótica que amealhou um pé-de-meia em ouro e certa importância em dinheiro. Dyson consegue gerir suas finanças: poucos meses depois ela morre. Daí em diante ele fica sob suspeição. Os pormenores dos papéis pega-moscas com arsênico (o envenenamento por arsênico foi a causa da morte), e do enterro barato e apressado da vítima — Dyson chegou mesmo a aceitar uma comissão da casa funerária — evocam a sucessão dos acontecimentos que levaram Frederick Seddon à barra do tribunal.

Quando estiver pronto o túnel...



Do outro lado Niterói assiste aos debates. Ponte ou Túnel. Enquanto isso o jeito é a velha lancha.

MAIS FÁCIL E MAIS PERTO CHEGAR NADANDO A NITERÓI

SEGUNDO O PARECER DE ANDRADE FIGUEIRA A CONSTRUÇÃO DO TÚNEL RIO-NITERÓI CONSTI-
TUI UM VERDADEIRO ABSURDO ★ A SOLUÇÃO DA PONTE É MAIS INDICADA E CUSTA MENOS
★ ALGUNS ITENS QUE "DINAMITAM" O TÚNEL ANTES MESMO DE SER CONSTRUÍDO

Entrevista concedida a SEBASTIÃO DE FRANÇA

Fotos de SÉRGIO ANDRADE

ANTES MESMO DE SER CONSTRUÍDO, UMA "BOMBA" ARRASA O TÚNEL RIO DE JANEIRO — NITERÓI



Em 1955 o Governo Federal organizou concorrência para estudar o projeto para a ligação Rio-Niterói, em túnel. Concorreram 7 firmas. A comissão composta pelos srs. Canedo de Magalhães (diretor do Departamento Nacional de Portos, Rios e Canais), Raul Marques de Azevedo, representante da Prefeitura (e parente do Governador Miguel Couto) e Salo Brand (na época, Secretário de Viação e Obras Públicas, hoje Secretário de Finanças), declarou vencedora da concorrência, a Cia. Etudes et Enterprises. Considerando-se que o túnel representa um recurso estratégico de vital importância, as Classes Armadas, através de seus Estados Maiores, deviam ser consultadas, antes de iniciar a execução da obra, o que não foi feito. Convém lembrar que isso é de Lei. O Comandante Andrade Figueira diz que foi burlada a Lei 1.783-A.

Técnico naval, com especialização nos Estados Unidos, Andrade Figueira realizou numerosas campanhas nacionalistas, tendo criado a «Frota Carioca», «Correio Aéreo Militar», sendo um dos fundadores da Siderúrgica Nacional, o que lhe dá, com efeito, autoridade para falar deste problema.

«O projeto oficial organizado pela Cia. Etudes et Enterprises custou cerca de Cr\$ 9.000.000,00 (nove milhões de cruzeiros), consumindo 11 meses de trabalho. Contudo, foram feitas somente 33 sondagens e 25 desenhos, dos quais 3 ou 4 de importância. Se a nossa Marinha tivesse realizado os estudos e as sondagens, teríamos gasto, no máximo, Cr\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros). O projeto aprovado é uma calamidade:

- a) O percurso todo, em túnel longo e contínuo, é muito maior que o indispensável e tecnicamente aconselhável;
- b) É completamente desconhecido. Será 60% escavado na rocha e 40% em tubos pré-fabricados. Uma experiência francesa paga pelo nosso governo e que tecnicamente não existe (ou se faz o túnel completamente escavado na rocha ou todo de tubos pré-fabricados). Sere-mos uma espécie de cobaia;
- c) O projeto reza a construção de apenas um tubo deste túnel com pista única de 7 metros e com rampas constantes de 4,5% (erro técnico) numa extensão de 3.676 metros. Acontecerá o seguinte: engarrafamento. O transporte rápido de passageiros será ultra sacrificado a exemplo do que se passa nas rampas similares da estrada Rio-Petrópolis;
- d) As barcas e lanchas estão realizando a travessia em 15 a 20 minutos. A praça XV é local central, servido de bondes, ônibus e lotações para todos os bairros do Rio. De outro lado, o túnel de um tubo só, com 3,50 m para mão de ida e 3,50 para volta, com rampas anormais e 6.974 m de comprimento e dada a sua descarga na Avenida Barão de Tefé (no projeto dizia praça Mauá), exigirá tempo igual e às vezes maior para a travessia, sem comodidade, num túnel escuro, submarino, que passa a 92 metros abaixo do nível do mar, ficando o ar-vida dependendo de máquinas, fiscalização de funcionários, etc. Um descuido qualquer pode resultar em trágico acidente.
- e) A experiência vem provando que nos logradouros onde transitam veículos de carga, não podem transitar rápidos de passageiros. Veja o caso da Av. Copacabana e outros que assistimos diariamente. Imagine dentro de um túnel de 7 metros de largura! Os túneis rodoviários só são suportáveis até 2 a 3 mil metros. Coisa muito diferente são os túneis ferroviários e dos rápidos metropolitanos, que passam mais ou menos de 500 a 500 metros.
- f) O túnel rodoviário, devido à descarga dos motores diesel e gasolina, contendo óxido de carbono, anidrido sulfuroso e carbônico, envenenam o ar. Ainda: estas descargas causam o câncer da laringe e do pulmão. Se isto pode acontecer ao ar livre, quanto mais num túnel de 6.975 metros. O túnel rodoviário, longo, foi inventado evidentemente, não levando em conta as conquistas modernas e a saúde popular.
- g) A Cia. Etudes et Enterprises, autora dos estudos do túnel «monstro» não entrará na concorrência para a sua construção, porque, sem

nenhum outro trabalho, ela receberá 6% sobre o custo total da obra e isso só para fiscalizar a aplicação de seus «grandes estudos». Esses 6% representarão cerca de Cr\$ 300.000,00 (trezentos milhões de cruzeiros) se se efetuar, como é certo, a descarga do túnel na Av. Barão de Tefé. Como você compreende, isso não é bem a missão, é um presente. A fiscalização leva um trabalho platônico com 2 a 3 engenheiros e auxiliares, levando em conta a precariedade desse projeto, técnica e economicamente, ficaremos estarecidos diante do seu alto grau de imprevidência.

- h) No túnel longo não há espaço para levar o Metrô do Rio a Niterói, embora diga o contrário o arquiteto Agache. E o Metrô, os nossos engenheiros sabem, será obra necessária para o progresso de Niterói, que já conta com mais de 50 arranha-céus, principalmente se tratando de meio de transporte que mais beneficia o povo, porque a passagem é menor e a travessia é mais rápida.
- i) O percurso longo do túnel acarreta o aumento das despesas de transporte de cargas e passageiros. Um caminhão ou ônibus carregados construídos sobre chassis de 8 toneladas a motor Diesel rodando sobre estrada pavimentada, gasta Cr\$ 8,69 (oito cruzeiros e sessenta e nove centavos) por quilômetro percorrido. Basta isso para provar-se que o túnel oficial de 6.974 metros, contra uma ligação de apenas 5.974 metros, como a que nós possuímos, para reconhecer-se a sua desvantagem. Com um movimento de 5.000 automóveis por dia ou 1.500.000 por ano, representará um prejuízo de Cr\$ 13.035.000,00 por ano ou ainda Cr\$ 521.000.000,00 (quinhentos e vinte e um milhões de cruzeiros) em 40 anos. Essas cifras tendem, claro, a aumentar, porque o movimento de viaturas aumenta sempre.
- j) As despesas de manutenção de um túnel rodoviário muito longo e a sua conservação, serão muito elevadas. No caso, avaliamos em Cr\$ 200.000.000,00 (duzentos milhões de cruzeiros) por ano ou Cr\$ 8.800.000.000,00 (oito bilhões e oitocentos milhões de cruzeiros) no prazo de 40 anos, quando espera-se que o pedágio forneça recursos suficientes para pagar o custo total da obra. Eu digo: é absurdo construir-se um túnel longo para tráfego rodoviário Rio-Niterói. Absurdo maior: a comissão não chegou, sequer, a estudar a solução da ponte: a solução dos túneis curtos, proposto pelo sr. Djalma Nunes; e outras.
- h) O túnel longo, 60% escavado em rocha no fundo do mar a 92 metros de profundidade, sofrendo enorme pressão de colunas de água salgada, está sujeito a inúmeras infiltrações e será sempre um meio carregado de umidade e friagem. A permanência nesta atmosfera é prejudicial à saúde e pode até causar inconvenientes ao tráfego, em altas proporções, pelo mau funcionamento das bombas de esgotamento (com o uso pode acontecer). Na parte dos tubos pré-fabricados, que é 40%, e que atravessam a vasa, o vasamento seria menos provável se as juntas fossem herméticas. Além disso, esses tubos estarão sujeitos a pressões muito menores, pois a profundidade para eles é de 30 metros.

♦ «A SOLUÇÃO DA PONTE É MAIS INDICADA E CUSTA MENOS»

«Os que afirmam que a construção da ponte monumental levaria mais tempo do que o túnel estão errados, porque é exatamente o contrário: a ponte Rio-Niterói pode ser construída em 3 anos, se de aço, em 4 se de concreto armado sobre várias colunas. O projeto oficial do túnel, que até agora não recebeu aprovação das Classes Armadas, seria uma obra para 8 a 10 anos (se tudo correr bem). O túnel «Lincoln» com 2.480 metros, apenas, levou 4 anos.

O preço do túnel do projeto aprovado, desembocando na Av. Barão de Tefé, está orçado em Cr\$ 5.200.000.000,00 (cinco bilhões e duzentos milhões de cruzeiros) mais 6% da comissão «revoltante», exigida pela firma Etudes et Enterprises, ou seja Cr\$ 312.000.000,00 (trezentos e doze milhões de cruzeiros). De outro lado, uma ponte pêncil lançada no fundo da baía e aprovada pelas Classes Armadas, sem embarçar a navegação aérea ou de superfície, na altura de 50 metros, custaria cerca de Cr\$ 3.000.000.000,00 (três bilhões de cruzeiros); e ainda mais uma ponte nestas condições teria o dobro ou o triplo da capacidade de tráfego do túnel oficial e por ela passariam o trem metropolitano e o E. F. Central nas suas bitolas, o que beneficiaria, sobretudo, a zona de São Gonçalo, onde 15.000 m² de terras seriam recuperados dos baixios abandonados e mal cheirosos e transformados numa importante cidade industrial, trazendo conseqüentes vantagens para o progresso do Estado do Rio e maiores recursos em impostos para os governos estadual e municipal e também ainda para o Governo Federal, em imposto de renda e outros impostos.

INTER

da obra
estudo
milhõ
túnel
bem c
ônico
arieda
arrecid

a Niterói
s noss
o de M
ente e
o, porqu

pesas n
us cam
iesel n
azeiros
ista iss
ma lig
ara rec
100 aut
julzo d
hentos
tendem
sempre

longo
amos en
ou Cr
iros) na
recurso
absurdo
erói. Ab
solução
alma Nu

92 me
de água
um me
osfera
áfego, e
de esgo
ré-fabri
to sério
o, esse
andidade

MENOS

levaria
e o con
le aço
ficial d
as, ser
Lincoln

Barão de
ntos mi
da pelo
e dom
ccda na
uraçar a
custaria
a mais
dade de
ano e a
zona de
baixos
cidade
Estado
adual e
ôsto de

O TÚNEL É UM ABSURDO: LEVANTEMOS A PONTE.

ATENÇÃO!!! LEIA:

- ♦ Com este anúncio, você ganhará de graça um terreno de praia, medindo 12x30 que vale Cr\$ 45.000,00 (quarenta e cinco mil cruzeiros) correndo por sua conta as despesas do contrato e a Taxa.
- ♦ Localizado na mais aprazível praia do Oceano Atlântico, cortado pela moderna Rodovia Amaral Peixoto, com 16 ônibus diários passando na porta. Não perca esta oportunidade única no Brasil.
- ♦ Seja dono de um terreno completamente de graça. Basta para isso, remeter para esta Revista, seu nome, endereço, nacionalidade, estado civil e local onde trabalha, para o nº 227.227

OPORTUNIDADE ÚNICA NO MUNDO

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 — Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON»

Nº
 NOME
 RUA Nº
 CIDADE
 ESTADO
 Preço no varejo Cr\$ 100,00
 Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
 Por Vale Postal Cr\$ 125,50

LEIAM

EU SEI TUDO

TODOS OS MESES

PREÇO: CR\$ 10,00

Loção XAMBÚ

DA BELEZA E VIGOR AOS CABELOS CONTRA A CASPA E CABELOS BRANCOS EXITO GARANTIDO



APRENDA A DANÇAR

Chá-chá-chá — Dois e Um — Guaracha — Bolero — Marcha — Rumba — Swing — Samba — Tango — Mambo — Baião — Choro — Valsa — Fox — em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 8ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo, Cr\$ 110,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

SEM COMPROMISSO



Los Angeles. Esta é a mais recente foto de Annamaria Pierangeli e de seu filho. O menino tem o primeiro nome do melhor amigo do pai, Perry Como. Dia 22 próximo Perry completará seu segundo aniversário.

♦ Um grupo de parlamentares poloneses regressou de Roma, onde esteve a convite das Câmaras da Itália. Os parlamentares poloneses retribuíram a visita feita a Varsóvia por seus colegas italianos. Nos contatos mantidos com estes em Roma, os representantes do Sejm polonês trataram da ampliação do intercâmbio comercial e cultural polono-italiano. Além da troca de visita de cientistas e da criação de bolsas de estudo para alunos de cursos superiores (ficou estabelecido que a Polónia organizará, no próximo outono, um grande Festival do Filme Italiano, em Varsóvia).

♦ A imprensa estrangeira ocupa-se com o sucesso que ora obtêm nos Estados Unidos o documentário cinematográfico realizado no Brasil pelo fotógrafo e cineasta Sigmunt Sulistrowski. Vivendo no Brasil (é casado com uma brasileira), Sulistrowski sentiu-se atraído pela selva amazônica, onde realizou um filme impressionante sobre os índios da tribo dos Camaiura. O público norte-americano recebeu com grande agrado este filme.

♦ Ao mesmo tempo que uma galeria brasileira (rua Jangadeiros, 100 — Ipanema) lança um sistema de aluguel de quadros de bons artistas, idêntica iniciativa é tomada em Varsóvia, pela União dos Artistas Plásticos. A mesma idéia é aplicada em escala diferente, menor ou maior, e por iniciativa particular, maior na Polónia e devido ao empenho da entidade que reúne todos os plásticos. A mostra tem lugar na recém-inaugurada Galeria de Arte Moderna de Varsóvia que se compõe de salas de exposições, salão de conferências e café. Os quadros ora expostos nesta galeria podem ser alugados, a preço módico, pelos visitantes.

♦ A atriz Mony Dalmès, da Comédie Française, vai iniciar brevemente uma carreira nos palcos americanos. A artista representará «L'Heure éblouissante». Esta peça será levada este mês em diversos teatros e, se for favoravelmente recebida, passará para a Broadway nos fins de setembro e princípio de outubro.

(Continua na página 23)

PELAS CARTAS SE CONHECE O GIGANTE!

Esta é uma verdade documentada :

- **MAIS DE 1.000 MUNICÍPIOS** - representando **10 MILHÕES** de ouvintes, deram esta resposta :

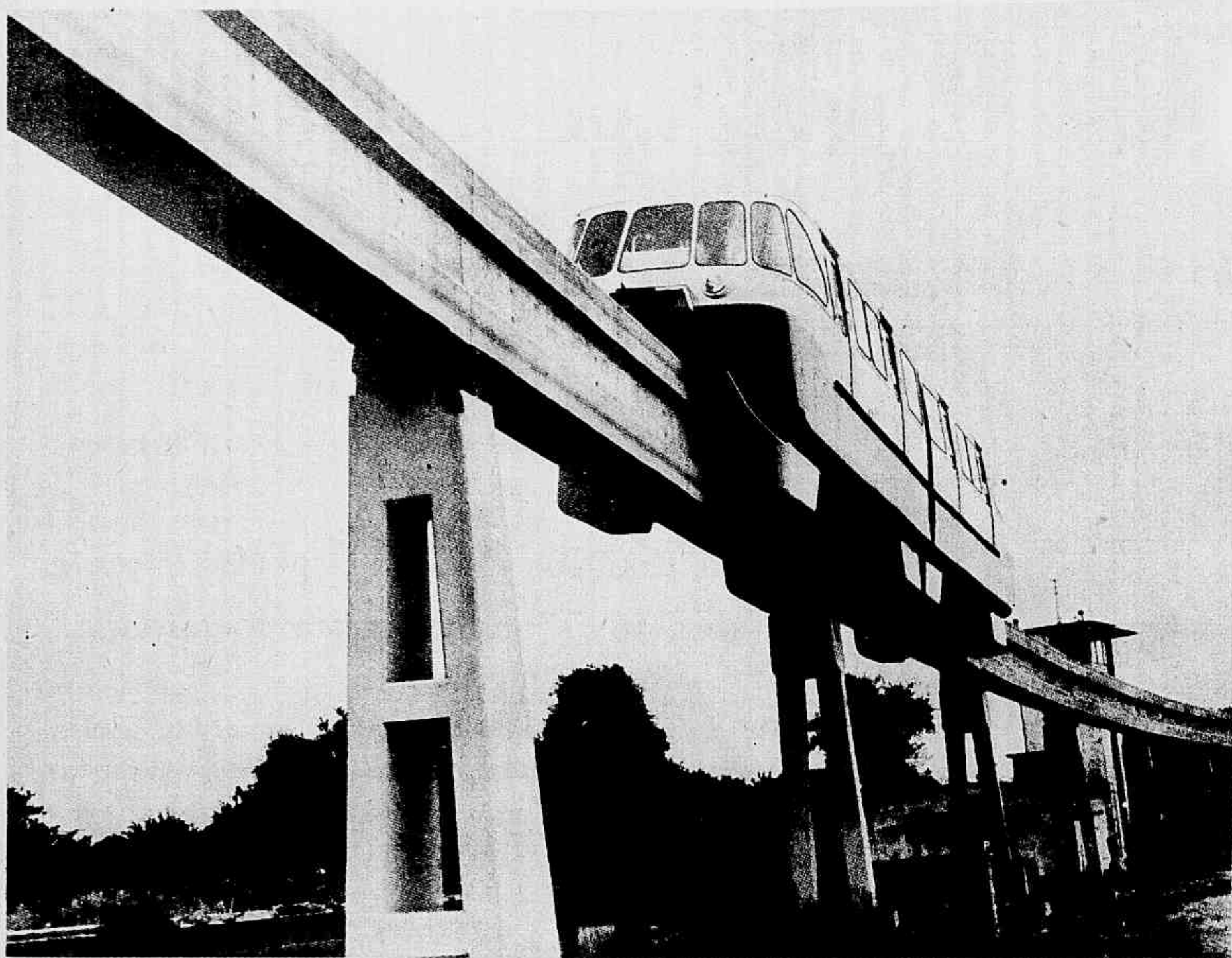
**“Ouvimos a RÁDIO RECORD perfeitamente.
É a Emissora mais ouvida nesta localidade.”**

- **10 MILHÕES** de pessoas, em todo o Brasil, aguardam a mensagem de propaganda de seu produto, que pode conquistar novos mercados, novos fregueses, clientes novos, ligados que estão à

RÁDIO RECORD - Emissora de cobertura nacional
50.000 Watts - Ondas curtas de 19, 25, 31 e 49 mts.



* AS cartas recebidas estão à disposição dos interessados nos escritórios da RÁDIO RECORD — Quintino Bocaiuva, 22 — SÃO PAULO.



NOVO COLETIVO PARA SÃO PAULO

◆ Este é o primeiro veículo desse tipo construído no mundo. Está em experiência nos Estados Unidos e foi encomendado pela cidade de São Paulo para solucionar seu problema de trânsito. O carro, dentro em breve, estará cortando por cima, as ruas da bela capital paulista.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



O MAGRO ESTA SOZINHO

◆ O Gordo morreu. Essa é notícia mais triste da semana que passou. Mas à criança do mundo inteiro ele deixou um legado volumoso: 200 comédias. Assim Oliver Hardy continuará fazendo rir sua grande platéia.



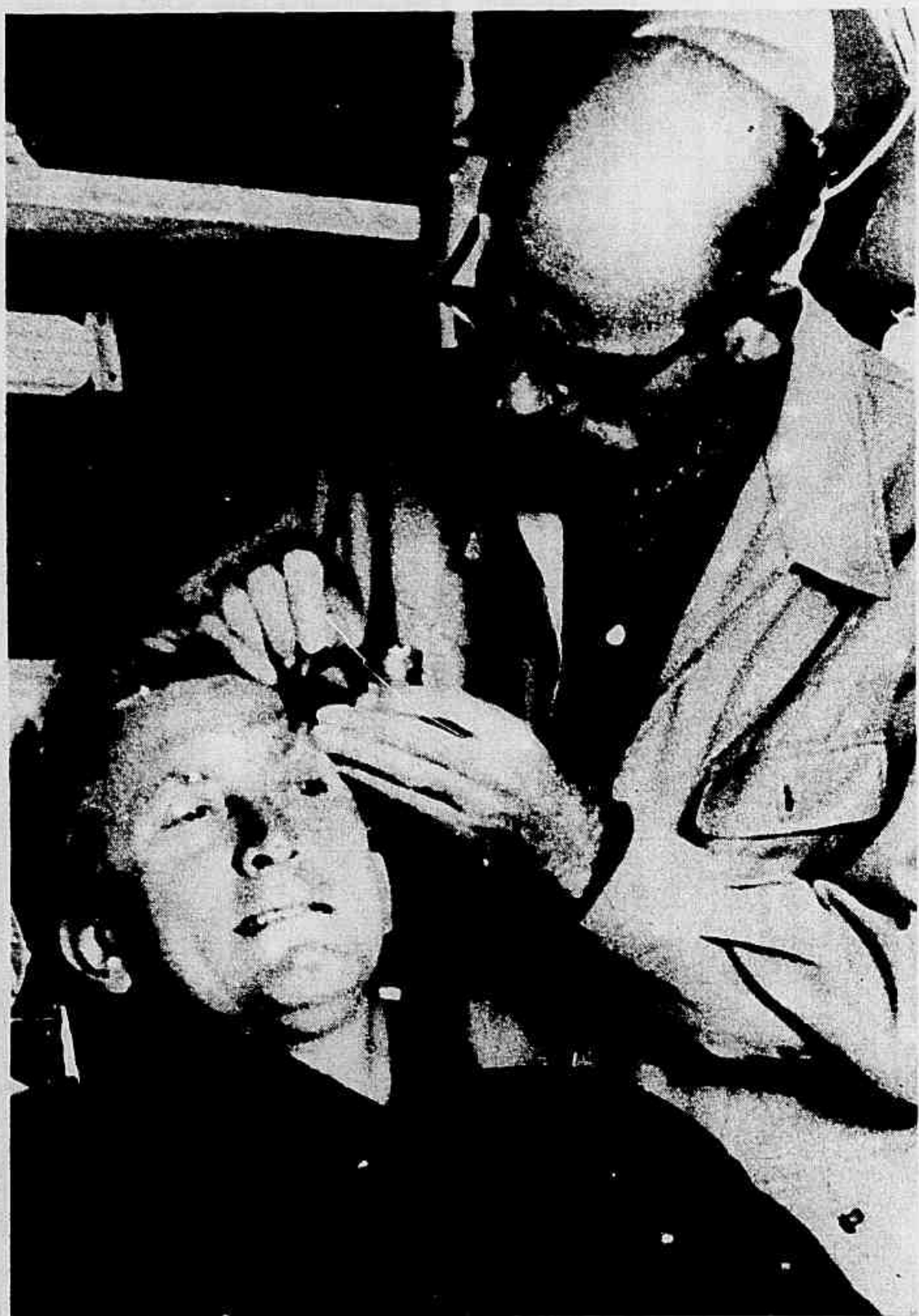
FARUK E A LETRA F

♦ O ex-soberano do Egito, Faruk, com sua filha Ferial, no aniversário do primeiro matrimônio do rei com a rainha Farida. Dessa união nasceram duas filhas: Fawzia e Fadia. Como se vê, os nomes de todos os membros da família real egípcia começam com F. Isso se deve a uma superstição do pai de Faruk, o rei Fuad, que considerava dar sorte os nomes iniciados com a primeira letra da palavra «faraó».

O PRÍNCIPE CASA NA IRLANDA

♦ O príncipe Ali com Bettina em sua estréia cinematográfica. O primogênito e herdeiro de Aga Khan anunciou que seu próximo casamento com Bettina será realizado na Irlanda. O verdadeiro nome de Bettina é Simone Baudin.





POR ESSE MUNDO DE DEUS



KIRK DOUGLAS TRANSFORMADO NUM TERRÍVEL "VIKING"

◇ O ator Kirk Douglas sofreu radicais alterações em sua fisionomia para representar o papel principal do filme "OS VIKINGS". A primeira foto mostra Kirk num camarim improvisado nos fundos dos estúdios onde a película está sendo rodada (o forte La Latte), quando o maquiador John O'Gorman inicia a tarefa, limpando com uma solução especial a fronte do ator. Uma cicatriz é aberta (segunda foto) na testa de Kirk, supostamente causada por um falcão caçador logo no início do filme. O'Gorman prepara o olho do ator para receber a lente de contacto, sobre o qual ela deverá permanecer a maior parte do dia. Na terceira foto Kirk Douglas já com a lente de contacto olha num pequeno espelho. Finalmente, como o famoso ator aparecerá em "Os Vikings". A "perda" parcial da visão faz com que Kirk constantemente fique desequilibrado, daí ser necessário que durante horas ele pratique para aprender a ver com um olho só. Essa transformação do simpático ator num terrível viking tem a duração de duas horas. **(Fotos International News Service)**



Literatura e arte

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LEITE

CRÔNICA

Da fecundidade raimundiana



♦ **NÃO, ESSA** fecundidade raimundiana que aí em cima ficou grafada não diz respeito ao poeta Raimundo Correia — que êsse, coitado, ficou discreto em quanto escreveu, e moderado no poetar, como na vida — tendo ainda o bom senso de, já entrado em anos, encolerizar-se, sempre que chamado de poeta... Fecundo é Magalhães Júnior, é êsse Raimundo de metro e meio de altura que, não faz muito, abarrotou o mercado de livros com nada menos de quatro grossos volumes — e em quarenta dias só.

Quatro livros em quarenta dias: eis um recorde mundial que tomba por terra, para a insônia do senhor Pedro Calmon e o mau humor de mestre Gustavo Barroso. É que a máquina de produzir livros Magalhães Júnior desembestou a escrever, e não há quem a detenha. Como na história do aprendiz de feiticeiro, a vassoura ameaça tudo inundar, à custa de sucessivos baldes descarregados no exíguo pátio. Não há fórmula mágica que a faça parar, frase cabalística que a sofreie, em seu afã higiênico. Súplicas e ameaças, promessas ou intimidações, tudo debalde: Raimundo, incomovível, continua escrevendo. Afinal, há muito pinho no Paraná por abater, e na Biblioteca Nacional, muito o que compilar ainda...

E como produz, êsse pequenino monstro? Qual seu método de trabalho, método que lhe permite façanha igual, quando escrever um livro só que

seja, de vez em quando, é já tarefa tão ingrata? Muito simples: Raimundo possui um corpo de garimpeiros, aliás: de pesquisadores. Mesmo êle — sempre que pode — comparece à Biblioteca Nacional, pronto a copiar, seja o que for. O resultado de tais transcrições é guardado em pastas, cada qual encimada por um cabeçalho, que bem pode ser, digamos: «Vêzes em que Machado de Assis espirrou, quando escrevia o «Braz Cubas», ou «Comprimento e largura da espada usada por Deodoro contra o Império». Não admira, portanto, que os livros se sucedam, os «Machados de Assis Desconhecido» — que algumas grande-línguas chamam, talvez com excesso de malícia, de «Machado de Assis Irreconhecível» —, as páginas inacabáveis de «Deodoro — a Espada contra o Império». Sendo que, no último caso, diga-se de passagem, chega a causar espécie que uma espadada, vibrada contra Dom Pedro Segundo há mais de sessenta anos, agora é que esteja doendo — e logo no couro dos leitores, coitados, que nada têm com o caso...

O forte do senhor Magalhães Júnior é copiar. Tanto, que há quem diga que, sempre que êle irrompe pela livraria editora a dentro, sobraçando a maçaroca de páginas datilografadas que fatalmente denuncia o próximo aparecimento de um novo livro, se acaso mostra ao editor o calhaço, êle, intrigado, lhe formula a pergunta embaraçosa:

— Meu Deus, onde é que eu já li isso?

E se Magalhães Júnior lhe afirma tratarem-se de seus novos «Originais»:

— «Originais»? Ora, Magalhães, seja mais discreto...

AS PESSOAS

RAUL LIMA partiu para a Europa, e em seu lugar, orientando a página literária do «Diário de Notícias», ficou o ensaísta Heráclio Sales, um bom valor. — NOVO LIVRO sobre Machado de Assis deverá ser publicado, breve, pela Simões: «O niilista Machado de Assis», por Otávio Brandão — que há tempos editou «Os Intelectuais Progressistas». — CRISTÓVÃO DE CAMARGO finalmente lançou o primeiro número de sua revista brasileira de cultura, **Myrthos**, que traz por epígrafe essa terrível legenda: «Commodare aures culturae». Não gostamos do primeiro número — ou antes: apreciamos, sinceramente, mais os anúncios (mormente o da contra-capá) que a matéria, propriamente dita. Vejam só: «não deixem de ver sempre «Jornal de Letras», «Para Todos», «Carta de Notícias» (Khrishnamurti) «Cadernos de Teatro» (de O Tablado), «Shopping News» e também, que diabo — «Myrthos»! Há um poema, em «Myrthos», de Beatriz dos Reis Carvalho — ruim; outro de Tasso da Silveira, fraco; fracos artigos de Júlio Nogueira, de Melo Nóbrega, uma entrevista com o diretor da Revista, e outra com Benjamim de Morais. O resto é de Cristóvão de Camargo, que também se assina «A Direção», C. de C., Cristóvão, Fabrício Velho, ou então não se assina. — JÁ QUE estamos tratando de revistas culturais, falemos de «Leitura», que agora ressurgiu, sob a orientação de Barbosa Melo. O segundo número está infinitamente superior ao primeiro, morfemente no que se refere à apresentação gráfica, bem ruizinha de início, e agora apreciável. Colaboração variada de nomes bastante notáveis em nosso panorama cultural. — FERNANDO GÓIS publicará em breve sua «Pequena História do Simbolismo», pela Coleção «Retratos do Brasil». — CINCO escritores mineiros editarão, ainda êsse ano, novos livros: Bueno de Rivera, Henriqueta Lisboa, Afonso Ávila, Eduardo Frieiro e Laís Correia de Araújo.

POESIA

De "Iluminações" de Rimbaud

NO BOSQUE há um pássaro, seu canto vos detém e vos
[faz corar.

Há um relógio que não toca.

Há um pântano com um ninho de bichos brancos.

Há uma catedral que desce e um lago que sobe.

Há uma pequena carruagem abandonada na moita, ou
[que desce a vereda às carreiras, tôda enfeitada
[de fitas.

Há um grupo de pequenos comediantes, com seus trajes
[típicos, vistos na estrada pela beira do bosque.

Há, finalmente, quando temos fome e sede, alguém que
[nos enxota.

(Tradução de Lêdo Ivo)

OS LIVROS

△ HISTÓRIA DO BRASIL

◆ «Carta a El-Rei D. Manuel», de Pero Vaz de Caminha (Biblioteca do Exército Editôra, Rio de Janeiro, 1957. 32 páginas. Comemorativa da visita do Presidente Craveiro Lopes, de Portugal, ao Brasil).

O PRIMEIRO documento histórico e literário existente sobre o Brasil, hoje conservado na Torre do Tombo, em Lisboa, mereceu agora uma reedição — por sugestão do senhor General Floriano Peixoto Miller. O texto está de acordo com o que aparece na «Biblioteca Internacional de Obras Célebres», tomo IX — o que não constitui propriamente uma garantia de autenticidade. O relato de Pero Vaz de Caminha aparece, assim, não na ortografia atual, nem na da época em que foi escrito — e sim no em que aparece, na «Biblioteca Internacional». Quanto ao texto — e independente de seu imensurável valor histórico —, é uma delícia, um primor de ingenuidade e de simplicidade. Pode ser lido como um poema, em sua maior parte.

△ CONTOS

◆ Justo Ferreira da Silva — «Contos que a Vida Escreveu» (Edição Particular, Rio de Janeiro, 1957; 128 páginas).

CONTOS sem valor literário algum, vasados em linguagem eivada, saturada de lugares-comuns: «A praia recebia o beijo de arminho da onda e estremecia fagueira», «O Batista grudou-se à minha lembrança como a ostra ao rochedo», «Parti do meu gabinete como uma bala», etc. O autor, da Academia de Letras do Distrito Federal, não possui imaginação, nem mesmo maneja bem o português.

◆ José Cruz Medeiros — «Pinheiros (contos do Paraná)» (Civilização Brasileira, 1957; 197 páginas).

QUASE que se poderia dizer, dos «Pinheiros» do senhor Cruz Medeiros, o que acima se disse acerca do livro de Justo Ferreira da Silva. Há contos, na presente coletânea, que tudo podem ser, menos contos. Veja-se por exemplo «O Núcleo», que começa: «A área geográfica do pinheiro (A racucaria angustifolia — BERT — O. KTZE. Nome vulgar: Pinho do Paraná), cobre vasta extensão do Brasil: desde as bordas da Mantiqueira, ao Norte de São Paulo e atingindo o Estado do Rio, e daí abaixo terra a dentro no Rio Grande do Sul, etc.» Prossiga-se lendo «A Derrubada» («Penetram a mata, invia, os machadeiros»), e outros mais. Porém, existem na coletânea, felizmente, alguns relatos de nível literário mais elevado — como «O Menino», «O Cavalo Miranda», como a pequena novela «O Jornalista» — onde o autor dá-nos a justa medida de seu bom manejo da língua, uma capacidade, bastante razoável, para criar cenas e evocar situações, tudo segundo a mais pura tradição regionalista.

◆ Ricardo Ramos — «Terno de Reis» (José Olímpio, Rio de Janeiro, 1957; 273 páginas, capa de Darel).

OS CONTOS de Ricardo Ramos obedecem a um esquema tradicional, isto é, possuem início, meio e fim. São, a bem dizer, novelas curtas (algumas, nem tão curtas), escritas em linguagem clara e correta. Os que apreciam histórias objetivas, que pouco exijam da inteligência (pois são oferecidas ao leitor já mastigadas, já decifradas pelo contista, que assim nada deixa à imaginação de quem o lê), decerto apreciarão também o atual livro de Ricardo Ramos. Mas ao colunista, àquele que lê para informar aos outros, cabe aqui fazer uma observação: não nos parece tenha o moço ficcionista realizado grandes progressos, em relação a seu livro de estréia, «Tempo de Espera». Muitos dos contos que aparecem em «Terno de Reis» poderiam ter já figurado em «Tempo de Espera», sem que ninguém desse por isso. Ter-se-á já completado a evolução de Ricardo Ramos, ou o atual volume representa um marcar passo?

△ POESIAS

◆ Seleneh de Medeiros — «Canarana» (Editôra A Estante, Rio de Janeiro, 1957 — 188 páginas; ilustrações de Barbosa Leite).

POESIA sem grande valor, a de dona Seleneh de Medeiros celebra «o rio de águas longas, erizado de réstias matutinas», «a noite dos trópicos, essa noite pungente como o grito de um pássaro que morre», etc. O que todavia celebra, preferentemente, é o Amor — o Amor em imagens arrojadas, pôsto que não originais. Todo o livro, aliás, respira um clima de pouca originalidade, que o prejudica deveras. As ilustrações estão à altura dessa poesia de curto fôlego.

ARTE



Desenho de Isolda, sorteado na última reunião mensal do «Círculo de Amigos de Arte», organização cultural presidida por Fernando Menezes de Moura, e que se encontra em fase de franca expansão.

LASAR SEGALL

◆ Lasar Segall, grande e solitária figura da pintura brasileira, vem de morrer em São Paulo, há duas semanas, na idade de sessenta e sete anos, quando muito ainda poderia viver, e criar. Nascido em 1890, na Rússia, cedo filiou-se à grupo expressionista que, na Alemanha, nos inícios do século, buscava revitalizar a arte — grupo a que pertenceram, entre outros, Emil Nolde, Oskar Kokoshcka, Vassili Kandinsky ou Mar Chagall. Deixando a Europa em 1913, em busca de um novo mundo sem ameaças e sem presságios de guerras (e o ano seguinte daria razão à iniciativa do jovem artista), Segall veio ter ao Brasil, afortunadamente para nós, escolhendo São Paulo como domicílio. Foi lá que se realizou a primeira mostra de arte contemporânea, mesmo sem contar a de Malfatti, em 1917 — exposição, de resto, que motivaria brados indignados de um alto espírito como Monteiro Lobato, autor do célebre artigo «Mistificação ou Paranóia?». O meio paulista de 1913, porém, era ainda acanhado culturalmente, para o judeuzinho que, na Europa, estivera a par com todas as manifestações e todos os movimentos da arte de vanguarda, e talvez por isso voltou Segall à Europa, tão logo o permitiu a Grande Guerra. Em 1923, porém, ei-lo de retorno, e dessa vez para não mais sair, se descontarmos a viagem realizada a Paris em 1937, como representante brasileiro a um Congresso, o de Independentes na Pintura. Foi em São Paulo que casou (com uma antiga aluna, dona Jeny Klabin Segall, emérita tradutora de Goethe), aqui teve nascidos filhos e netos. Aqui, afinal, acaba de morrer — cedo demais.

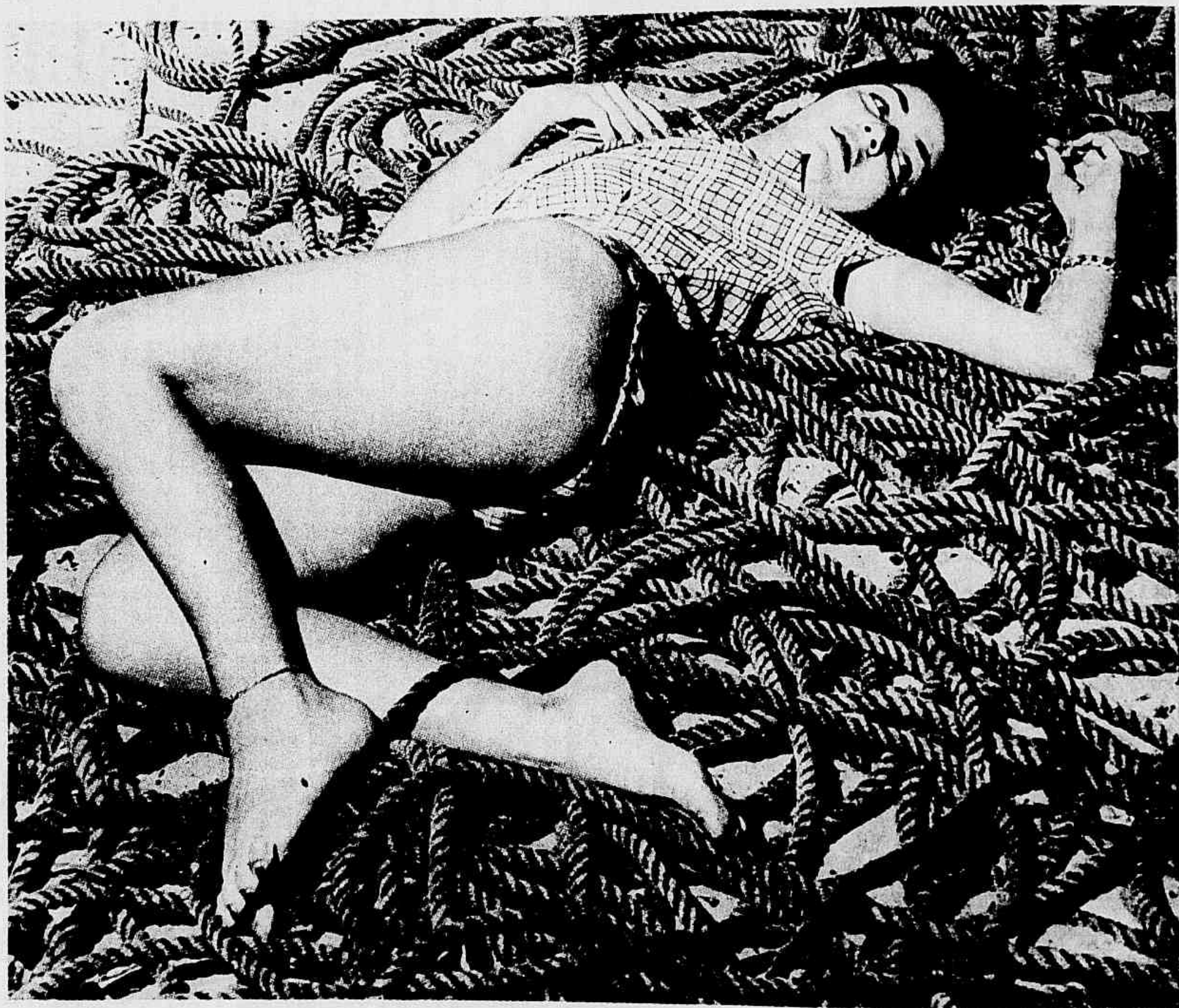
Em 1943, diante dos quadros de Segall, reunidos no Museu Nacional de Belas Artes, dizem que o pintor Guignard, maravilhado com a força dos mesmos, exclamou: «Graças a Deus que esse homem é pelo menos brasileiro naturalizado!» Porque Segall, é a verdade, nos fez sentir orgulho de nós mesmos, honrou-nos muito mais do que nós a ele. Seu temperamento, avesso a grupinhos exigindo para a elaboração artística um isolamento que nada tinha de pedantesco, terá contribuído, decerto, para que, em vida, o mestre não recebesse tantas demonstrações de apreço e de reconhecimento quantas as que merecia. É mal brasileiro, porém, deixar seus maiores artistas num semi-olvido humilhante, por vezes vemos morrer à nossa frente um talento, sem que nos passe pela cabeça erguer uma palha por impedi-lo. Está aí o caso Guignard (enfêrmo e praticamente abandonado, exceto por alguns amigos) que não nos deixa mentir. Com Segall, que vem de, aos sessenta e sete anos, morrer, podemos afirmar que possuímos uma dívida a saldar. Ele nunca foi celebrado como devera, foi sempre uma espécie de Grande Solitário, de quem relativamente pouco se sabia, e menos ainda se tratava. Suas exposições entre nós, por isso, não foram numerosas; artigos a ele consagrados, em quase trinta anos de convívio, não existem em número suficiente; ninguém, aqui, lhe dedicou um verdadeiro ensaio, embora na Europa o tenham feito vários historiadores — e dos mais ilustres. No entanto, com a morte desse homem simples e cordial, nosso meio artístico sofre um rude golpe; o mestre, o paladino da arte moderna no Brasil, o judeu russo que conseguiu fazer uma arte ao mesmo tempo brasileira e universal, o evocador dos «progroms», dos navios de emigrantes apinhados de gente, o companheiro e amigo de Archipenko e Kokoshcka, acaba de descer à terra, em Vila Mariana. E a sua falta já nos fez mais pobres.

Vedetas na segunda-feira plagiando Ascenso Ferreira

- PERNAS PRO AR QUE NINGUÉM É DE FERRO

Reportagem de SILVIA DONATO

Fotos de ADIR VIEIRA



PINA BRUNETE ADORA O SOL

★ *Sol é vida e eu adoro o sol. Seu contato morno sobre minha pele. A areia quente é uma carícia suave para meu corpo. Sinto-me, sempre que vou à praia, como uma mulher sedenta dos carinhos de um certo homem, que um dia, sem uma palavra sequer, toma-a para si. E esse dia não é a segunda-feira, como muitos poderiam supor e sim, a terça. Qualquer um compreende logo por que. Na segunda vou dormir mais cedo, por não ter sessão e assim, cedinho, cedinho, vou surpreender o meu amado se espreguiçar, jogando uma luz fraquinha sobre a gente, luz que vai esquentando, esquentando até chegar ao máximo. É um verdadeiro poema o nascer do sol, pena que tão poucos tenham oportunidade de ver o espetáculo. Tenho colegas que nunca viram o sol cair, quanto mais nascer, e como as lamento, honestamente".*

OS «STROGONOFES» DE TERESINHA

★ *Teresinha Tapajós é uma vedeta diferente, que utiliza sua folga da segunda-feira preparando quitutes para o noivo (Renato). Sua especialidade é o "strogonof". Com muito carinho e cuidado, ela mesma vai comprar o filé mignon, tomates, temperos e cogumelos. Tudo escolhido a dedo, sem olhar o preço. Depois entra para a cozinha, (mora com os pais) de onde só sai para pôr a mesa. Teresinha declarou-nos que não entende a conciliação entre o teatro e a vida de casada. Uma mulher ou bem é dona de casa ou não é nada. Por isso, deixará tudo e irá criar os filhos (cujos nomes já estão até escolhidos) cuidar de suas plantas, ler seus livros e matar as saudades do teatro falando no telefone com as amigas. E é tudo, porque Teresinha é uma moça simples como simples também são seus planos e suas segundas-feiras.*

ira

VIEIRA

utiliza
(Renato
e cuida
os e cog
pois ent
ara pô
liação e
é dona
os filh
lantas, le
efone co
ples com





ELOÍNA QUER CASAR

★ "Onde andam os homens casadoiros, onde? Eu quero casar, ser mãe, ter um lar de verdade. Estou exausta da vida de teatro. Talvez eu seja muito exigente. Escolho físico, situação financeira e capacidade intelectual. Um homem com todos esses predicados ao mesmo tempo, é quase impossível. Talvez seja por isso que ainda não tenha acertado. Hoje encontro uma coisa num, amanhã outra naquele, mas nunca todas no meu "Adão Ideal". Casei com 16 anos, depois de ter passado esse tempo todo sob um regime da maior prisão possível. "Porque uma moça não faz isso, porque uma moça não vai lá", e a coisa se repelia todo dia. Quando não era papai lá vinha mãe. O casamento foi a fuga de tudo, porque só quatro meses estive com ele. Depois veio a liberdade total e eu sem estar preparada para ela. Dei um bocado de cabeçada, isso confesso. Achava estupidamente maravilhoso chegar em casa quando o sol nascia. Fui alçada pelo teatro. Agora cansei.

Cansei e procuro mão amiga para ajudar-me a seguir a trilha da vida. Tenho vinte anos mas sinto-me velha. Falta ao meu lado uma presença humana, diária, constante, permanente.

E a segunda-feira?

"Já ia esquecendo de contar como passo as segundas-feiras de folga. Vou à pedicure, manicure e cabeleireiro. Depois, um jantar caseiro e corro para o cinema. Geralmente só. Já que cheguei a este ponto, gostaria que vocês aproveitassem para dizer aos leitores da Revista da Semana e entre eles, tenho certeza, estão as pessoas a quem estou mandando esta direla, que nunca fui nem serei desmanchadora de lares. Agora deram para dizer que roubo o marido das colegas. Sinto até uma certa frieza no meio artístico, da parte das mulheres, sempre que me aproximo de um grupo. Já os homens...



A D

★ F
horas
Por
Ange
nha.
quar

sou c

A

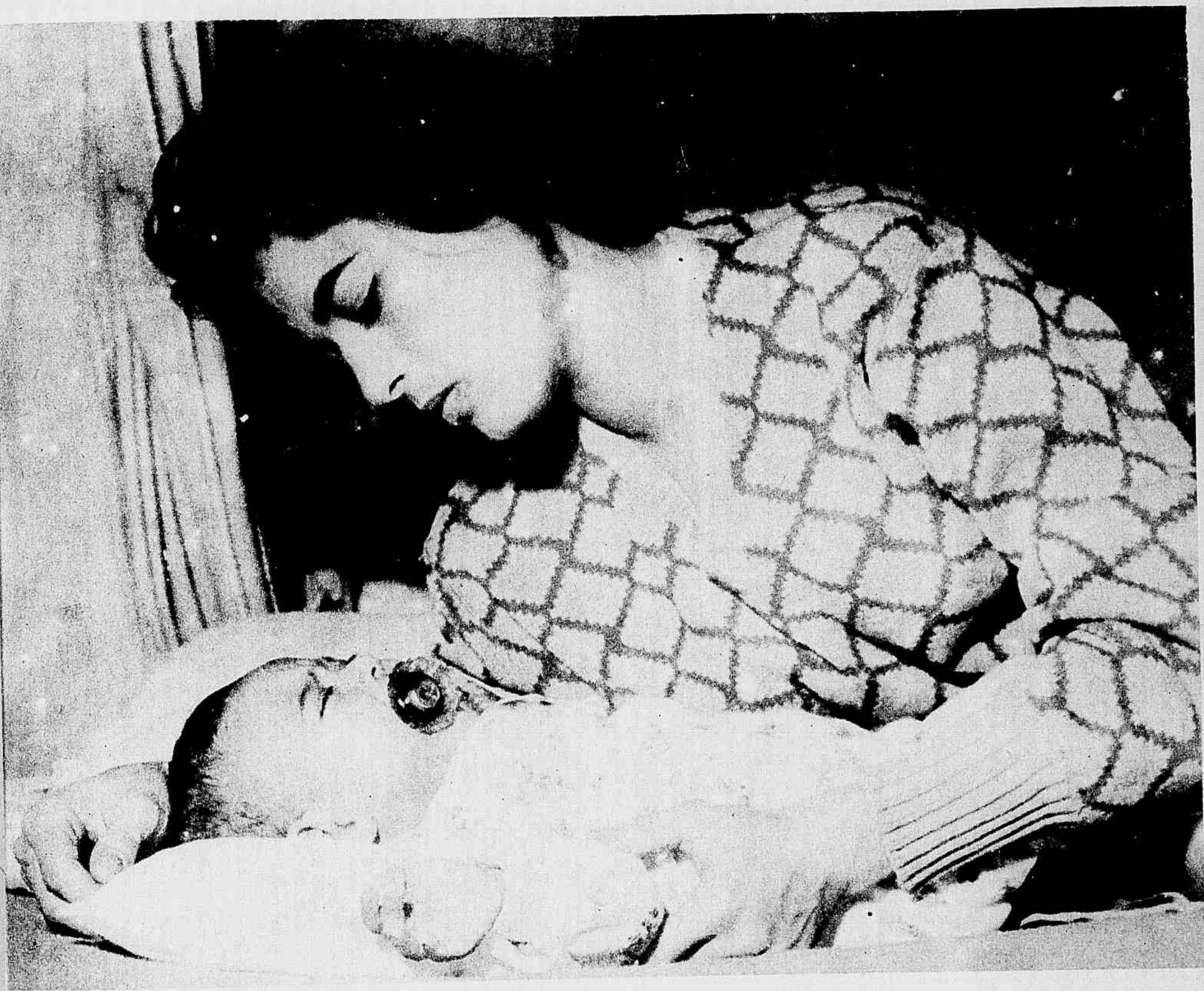
★ li
q
ra
fa
v
e
m
s
a
a
e
a
f

A DORMINHOCA ANGELITA

★ Fotografar Angelita foi um problema, pois ela dorme até sete horas da noite, e para tirá-la da cama é preciso muita sacudidela. Por duas vezes estivemos em sua casa sem resultados positivos. Angelita passa às segundas-feiras dormindo até a terça de noite. A parte mais importante de seu suntuoso apartamento é o quarto de dormir. Eis o que nos disse:

— Digam o que quiserem na revista de vocês, só não digam que sou caseira, que adoro cuidar das plantas e preparar quitutes, isso

não, porque seria mentira. Detesto poeira, vassouras e panelas. Mas em compensação, (abrindo seu vastíssimo guarda-roupas) adoro vestir-me bem, ter boas roupas e muita. Só de calça comprida estou com um estoque de trinta, mas não tenho um único "short" tipo da roupinha própria para quem fica em casa trabalhando. Quanto a segunda-feira, que para mim é uma noite igual às outras, durmo durante o dia e passeio pela madrugada. A Lua é minha grande amiga, mas o sol, cruz credo, esse queima muito.



ANILZA LEONI A MAMÃE

★ "Para mim não há mais dias diferentes, porque todos são deliciosamente iguais depois que chegou a minha Angélica Virginia, que tem cinco meses. Até mesmo o teatro, que eu julgava ser a razão máxima do meu viver, consegui abandonar. Se ainda estou fazendo televisão e cinema, é porque a gente não consegue largar um vício de estalo. Aos poucos largarei tudo, serei apenas a esposa e mãe. Se Deus quiser, esse dia está bem próximo. Receberei em minha casa vocês, repórteres e fotógrafos, sem suas máquinas e seus papéis, simplesmente como amigos que vêm passar horas em agradável papo. Esse é o meu ideal e chegarei a ele. Quem tem acompanhado minha carreira artística até aqui, sabe o quanto estou falando sério e do quanto sou capaz quando resolvo realizar algo. Hoje é segunda-feira e eu não estou alegre, meu marido está fazendo um vôo para a Alemanha e minha filha está com 39 graus

de febre. Quando ela chora, acompanho-a, porque não consigo fazer a dor passar, é a angústia que qualquer mãe sente.

Como vedela minha carreira está definitivamente encerrada. É um mundo de calúnia e intriga, onde uns comem aos outros para poder sobreviver. Não vou sair por aí contando coisas, "cuspindo no prato em que comi" mas não aconselho ninguém a começar a vida noturna. Ela é exigente e egoísta, dando muito pouco em troca, na maioria dos casos, de um sucesso efêmero. Ainda é bem melhor ser a mocinha simples que almeja casamento, vestido de noiva, um lar, enfim. Não acreditem nas artistas que dizem prescindir da vida familiar, essas são frustradas, mulheres que têm até medo de pensar, para não serem obrigadas a reconhecer, para si próprias, que fracassaram na sublime razão de ser mulher, a maternidade.



MARGOT MOREL, A INCOMPREENDIDA

★ "Uma grande luta foi travada comigo mesma, na tentativa de superar minha falta de chance artística. Sinto em mim um desejo ardente, e isso não é de hoje, de ser, não digo a estrela de uma companhia, mas ao menos uma de suas principais vedetas. As segundas-feiras são sempre tristes para mim, e explico: minha vida, minha razão de ser, está no teatro, quando fora dele, sinto-me como um peixe fora da água. Será que o meu físico não agrada aos espectadores? Todos me aplaudem, mas não há aquele entusiasmo que estou acostumada a "ouvir" nas palmas que estruge, quando algumas colegas minhas se apresentam. Eu não gosto a segunda-feira, é um dia a menos no meu contato com o público"



VIRGINIA LANE, A VEDETA PREFERIDA DA JUSTIÇA

★ Esta foto da nossa Virginiazinha não é das melhores, reconhecemos, mas é o retrato honesto de sua expressão sempre que "comparece espontaneamente" perante a senhora Justiça para explicar qual o seu segredo para forçar jovens "bem" a assaltarem e roubarem para dar-lhe um pouco mais de conforto em troca de suas aulas de amor. As segundas-feiras de Virginia, principalmente estas três últimas, têm sido gastas em prestar depoimentos, acusações, não só aqui no Rio, como em São Paulo, onde até hoje rola um processo contra ela, por sua liberdade em cena. "Nas segundas-feiras comuns, que já vão longe, costumava dormir até meio dia e depois ia à praia. Mas desde que me desquitei, odeio a segunda-feira, que me obriga a enfrentar esse mundo realístico demais que existe fora do palco. Quando em cena, temos oportunidade de um desdobramento total da nossa personalidade."

ROSEMARIE SULQUER AMA A VIDA

"Adoro a segunda-feira, e não é só: todos os dias da semana para mim são adoráveis. Sempre encontro um motivo, quando fecho os meus olhos para dormir, pensar: como é gostoso viver. Tenho um mundão de bons amigos e fico atrapalhadíssima nas minhas segundas-feiras; não sei quantos poderei visitar. Geralmente saímos em grupos de automóvel em corridas loucas e sem destino, que terminam sempre na Barra da Tijuca, com banho de mar e ostras fresquinhas".

TAMARIS A CINEMEIRA

★ Contando ninguém acredita, falou-nos a Tamaris, vou a cinco sessões de cinema na segunda-feira. Começo às 14 horas e vou até meia noite. Quando se aproxima a hora do lanche e jantar, malto os complementos e desenhos, comendo qualquer coisa rapidamente, de pé. Copacabana, com seus nove cinemas, Ipanema com quatro e Leblon com dois, fornecem um vasto material de escolha. Não faço questão de companhia para ir ao cinema, mas, confesso, não tenho ido só. Quem é ele? Mas vocês não estavam interessados só em saber como passo as segundas-feiras? Pois a isso já respondi...



RIO DE JANEIRO POÇOS DE CALDAS LINDOIA SERRA

NEGRA AGUAS DA PRAIA BELO HORIZONTE

SÃO PAULO SANTOS SÃO VICENTE

JUNDIAÍ

Sempre às suas ordens!



**EXPRESSO
BRASILEIRO**

CAMPINAS RIBEIRÃO PRETO SOROCABA

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO

BELO HORIZONTE

Av. Ipiranga 885 - Fone 34-1395 | Pça. Mauá (Estação Rodoviária) Fone 23-3912 | Rua Oiapoque 276 - Fone 4-9060

A FAMÍLIA

Transcrito do livro «RACIONALISMO CRISTÃO» (Cont. do número anterior)

Nestas circunstâncias variam e sucedem-se as oportunidades de exercitar-se o espírito para as soluções difíceis, com a aquisição de maior cabedal de experiência e de tirocínio, com maior aptidão e descortino, com melhor orientação e mais amplos recursos espirituais. O homem contribui com a sua parcela, tão pesada quanto a da sua esposa, para que a unidade da família se mantenha, integral, com toda a pujança dos seus valores morais. O homem é a cabeça do casal e o chefe da família. A sombra do seu nome todos no lar devem sentir feliz, e por isso há de tudo fazer para ter um nome digno de ser respeitado. Deverá poder apelar para a sua conduta retilínea quando quiser procurar exemplos que sirvam de lições para os seus filhos.

A autoridade moral de um chefe estará sempre ligada aos atos da sua vida, e será maior ou menor, consoante a lisura, a sensatez e a honestidade do seu procedimento. O pai não pode admitir que os seus filhos adquiram vícios e para tanto dará o exemplo. Há de querer que se espelhem na sua própria vida, e para isso há de ter um comportamento que valha a pena ser imitado. Deverá viver unicamente para o trabalho e para a sua família, com o que estará cooperando para o progresso da sua Pátria, para a harmonia da comunidade a que pertence.

Os filhos precisam ouvir os ponderados conselhos paternos que os prevenirão dos riscos e perigos a que estão sujeitos nas lutas próprias à existência terrena. O valor e a coragem, a decisão e o caráter bem formado são atributos cujo desenvolvimento deverá ser processado sob o estímulo, a observação, a orientação do chefe da família, sem se dispensar a valiosa contribuição da progenitora.

A remodelação da humanidade há de ser feita, começando pela remodelação dos costumes da família. É princípio firmado que cada indivíduo será aquilo que quiser ser, dentro das suas possibilidades; do mesmo modo, confirma o adágio que cada povo tem a direção que merece.

Dai a necessidade de se elevar a constituição da família ao nível que lhe está reservado, para que mereça uma direção à altura do seu desenvolvimento espiritual e da sua consciência moral, porque, só assim, desaparecerão os flagelos que assobram o mundo e os cataclismos que varrem da face da Terra, periodicamente, milhões de seres, que desse modo vêem aniquilados os seus melhores intentos, pela saturação das vibrações do ódio e da malquerença, do egoísmo e da ganância, as quais, acumuladas em regiões do planeta, em ambiente favorável, confundem e perturbam os indivíduos, e finalmente, como que provocam explosões em sinal de que o espaço em que se achavam tornou-se pequeno, em demasia, para conter ou comportar tão condensados fluidos malignos e destruidores. Estas cargas não se acumulam, porém, onde não haja forças afins que as apoiem.

Eis porque a instituição da família, concebida nos moldes racionais que estas páginas registram, é uma necessidade que se impõe.

CARTAS DOUTRINÁRIAS

«Paradoxalmente, nada mais simples, frágil e sensacional que a Vida. Simples para sustentá-la basta ao ser humano o ar que respira, o alimento que o nutre e a água que o dessedenta. Frágil, num ápice a extingue a falta de ar por momentos, ou de alimentação por dias, ou um dano em órgão vital — a máquina maravilhosa, que é o corpo humano paralisa para sempre. Sensacional, por que nada mais importante e belo que a vida: empreendedora, construtiva, cultivadora de relações humanas, criadora de riquezas morais e materiais.

Podendo, assim, ser pura e tranqüila a vida das criaturas, por que nós mesmos tornamo-la tormentosa e, às vezes, até insuportável? Por que nos deixamos envolver pelo turbilhão de paixões e vícios, de desvarios e fraquezas, de erros e incompreensões, cujas consequências sofremos até pela vida inteira? Por que não temos — ai de nós! — forças bastantes para dominar nossos sentimentos de ódio e inveja, ambição e egoísmo, que empolgam e tumultuam o nosso eu interior e extravasam cá fora em gestos e atitudes, palavras e ações, que marcam para sempre as horas dramáticas da Vida? Por que continuamos a viver sob o estigma de ímpetos incontrolados, de recalques e ingratidões, de rancor e maledicência, vítimas nós próprios do nosso modo de agir perante nosso semelhante e em face da sociedade da qual somos parte?»

Eis um fragmento do prefácio escrito por Othon Ewaldo para o importante livro intitulado Cartas Doutrinárias, que o Centro Redentor está distribuindo por um preço insignificante. Cartas Doutrinárias é um livro sério, que aborda temas palpitantes e de grande interesse.

NOTA — Cada volume Cr\$ 35,00, pelo Correio, custa mais Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros). Para o estrangeiro, mais Cr\$ 20,00 (vinte cruzeiros). As remessas deverão ser feitas por vale postal, valor declarado, ordens ou cheque nominal, e nunca em cartas de portes simples, e endereçadas ao Centro Redentor, à rua Jorge Rudge, 119 — Rio de Janeiro.

SEM COMPROMISSO



Marlon Brando está na Europa fazendo um novo filme cujo enredo foi extraído de um livro de Irvin Shaw. Trabalham ainda na película: Montgomery Clift, Dean Martin e May Britt. Brando regressará aos Estados Unidos logo assim que termine o filme. A foto mostra o ator Marlon Brando num momento de intervalo da filmagem.

(Continuação da página 22)

O Instituto Coreográfico de Paris conferiu seus prêmios deste ano. O «Anna Pavlova» foi conferido às dançarinas-estrelas Yvette Chauviré, da Ópera, e Nina Vyroubova, do grande ballet do marquês de Cuevas. O prêmio «Nijinski» coube aos dançarinos-astros Michel Renault, da Ópera, Serge Golevine, do grande ballet do marquês de Cuevas, e John Gilpin, do «London's Festival Ballet».

Realiza-se em Varsóvia a I Exposição Nacional de Artes Plásticas em que só participam artistas surdos. A mostra apresenta os trabalhos selecionados para posterior envio à exposição mundial que terá lugar em Roma, sob o patrocínio da União Italiana de Surdos. Na galeria figuram peças em óleo, gravuras em madeira e metal, esculturas, cerâmica e objetos de artes decorativas.

«Olho por olho...», o novo filme de André Cayatte, baseado no romance de Vané Katcha, laureado do Prêmio Rivarol de 1957, representará a cinematografia francesa no Festival de Veneza. De outra parte, noticia-se que provavelmente a última realização de René Clair, «Porte des Lilas», será apresentada «hors concours».

Katie Johnson, que fez o papel da velha que alugava quartos no filme de Alec Guinness, intitulado «The Lady Killers», e Anthony Newley, que apareceu numa revista da Broadway, foram contratados para integrar o elenco de «Como Matar um Tio Rico» («How To Murder a Rich Uncle»), uma produção da Warwick para a Columbia, filmada em Londres e estrelada por Charles Coburn, Nigel Patrick e Wendy Hiller. Irving Allan e Albert R. Broccoli são os produtores, e John Paxton se encarregou de dirigir esta comédia.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



LEIAM

REVISTA DA SEMANA

CR\$ 10,00 EM TODO O BRASIL

“GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA”

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias. Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, éle o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Réde Interna)

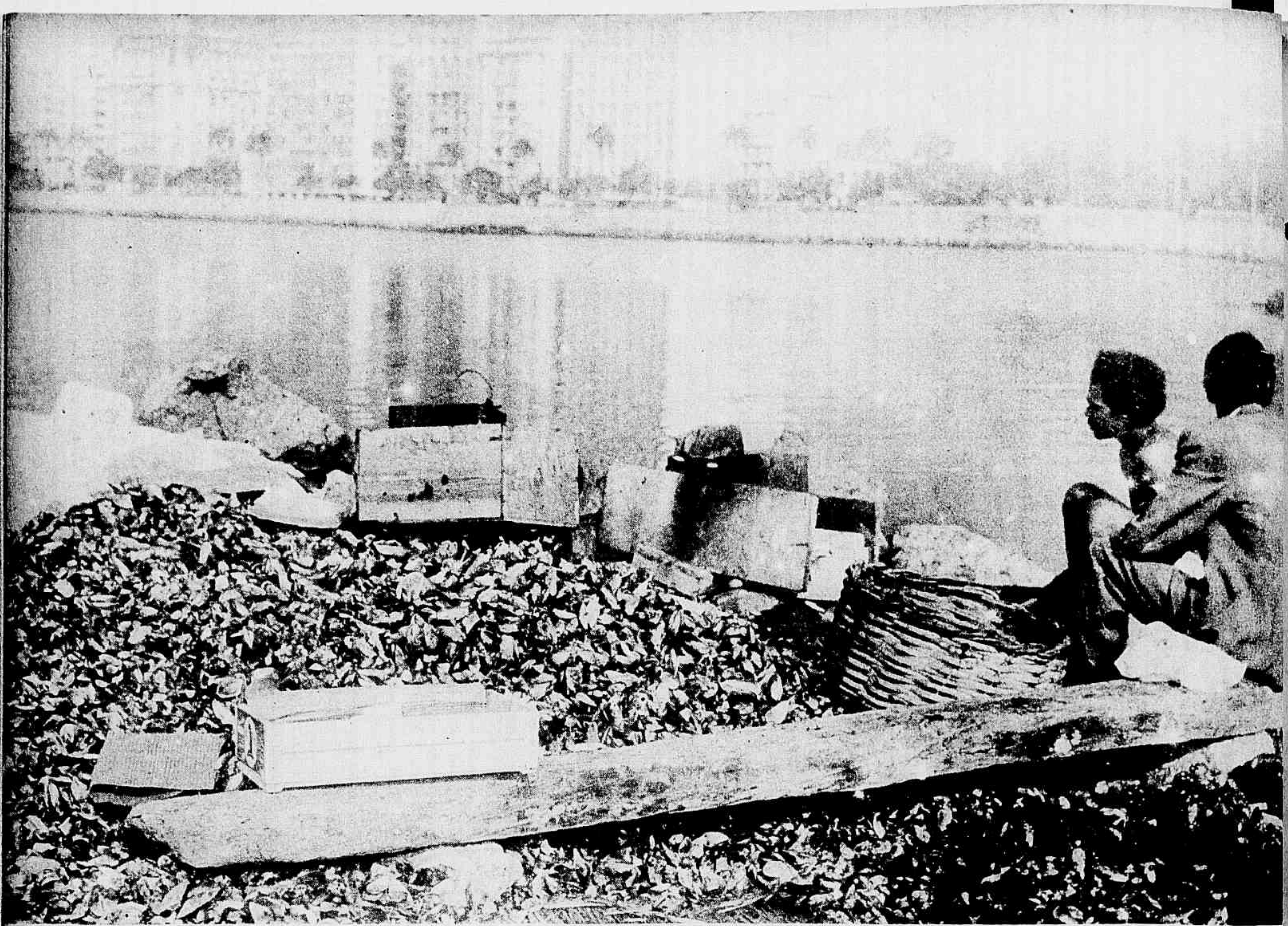
São Paulo — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»







**AS OSTRAS
FAZEM PONTO
NA BARRA DA TIJUCA**



Dos trezentos quilos que cada barco carrega restam trinta depois que a casca do molusco é arrancada. O marisqueiro espera a única maneira de saber se o molusco está em ponto de ser «tirado» é observar o mar calculando seu pêso pela observação das águas.



Pequena história de
um novo comércio que
está florescendo na
Ponta do Calabouço.
A busca ao marisco.

Texto de ISA RUFOLO

Fotos de ADIR VIEIRA



N

OS fundos do terreno onde está sendo construído o Museu de Arte Moderna, (antiga Praia das Virtudes) na Ponta do Calabouço, 15 homens armaram seu pôsto de pesca ao siri, camarão e mariscos, chefiados pelo «Gauchão», homem grande, falando arrastado e dono de três barquinhos o que

lhe dá certa importância, porque em terra de cego quem tem um olho é rei. A história do Gauchão é complicadíssima. Muito mulherengo, sempre viveu metido em arruaças. Por causa delas, rolou por esse Brasil todo até que veio parar aqui, fugindo de um marido ciumento. Profissão mesmo era a de «carreiro», mas onde a manada para levar, em plena Capital da República? Então virou marisqueiro. Com o resto do dinheiro que possuía, comprou

um barco de segunda mão, e convidou dois homens que «quentavam» sol nas pedras do Calabouço, para ajudá-lo na pesca ao marisco. Assim começou a coisa. Hoje já são três barcos, que Gauchão vai vender para comprar uma boa embarcação e sair para a pescaria em alto mar, com seus fiéis companheiros, porque isso sim, é que dá dinheiro...

♦ MARISCANDO

Os barcos saem às sete horas da manhã com destino às ilhazinhas mais próximas, mas é preciso que não seja dia de arrebentação, porque os mariscos emagrecem com o forte impacto do mar

LEIAM

EU SEI TUDO

DE SETEMBRO

- ♦ ROMANCES
- ♦ CINEMA
- ♦ ARTE
- ♦ MEDICINA
- ♦ RELIGIÃO

E muitos outros assuntos



TODOS OS MESES — CRS 10,00



INSTITUTO BIOLÓGICO
DO RIO DE JANEIRO, LTDA.

Caixa Postal nº 1.202

"Mil" lhe oferece:



PARACHUTAS

Super Luxo

colocação imediata

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1046 - 22-6124
RIO DE JANEIRO



AS OSTRAS FAZEM PONTO (Continuação)

contra as pedras. Levam dois dias para voltar ao normal. A única maneira de saber se o molusco está em ponto de ser tirado é observar o mar e saber calcular seu peso de olhada.

Com escavadoras de cabo longo, deslocam a pesca e puxam para cima. Nessa hora de erguer é que calculam seu peso e vêem se vale a pena levar. Cheio o barco, que agüenta uns trezentos quilos, remam de volta para a praia, onde outros companheiros já armaram o fogo. Sem água, porque no interior do marisco há água suficiente para cozinhá-lo, (muita dona de casa ignora isso) ele vai ao fogo em latas de banha de vinte quilos, para abrandar e facilitar a tarefa de tirá-lo da casca. Há duas espécies de mariscos, o vermelho e o branco. Acreditam os pescadores que o branco seja o macho.

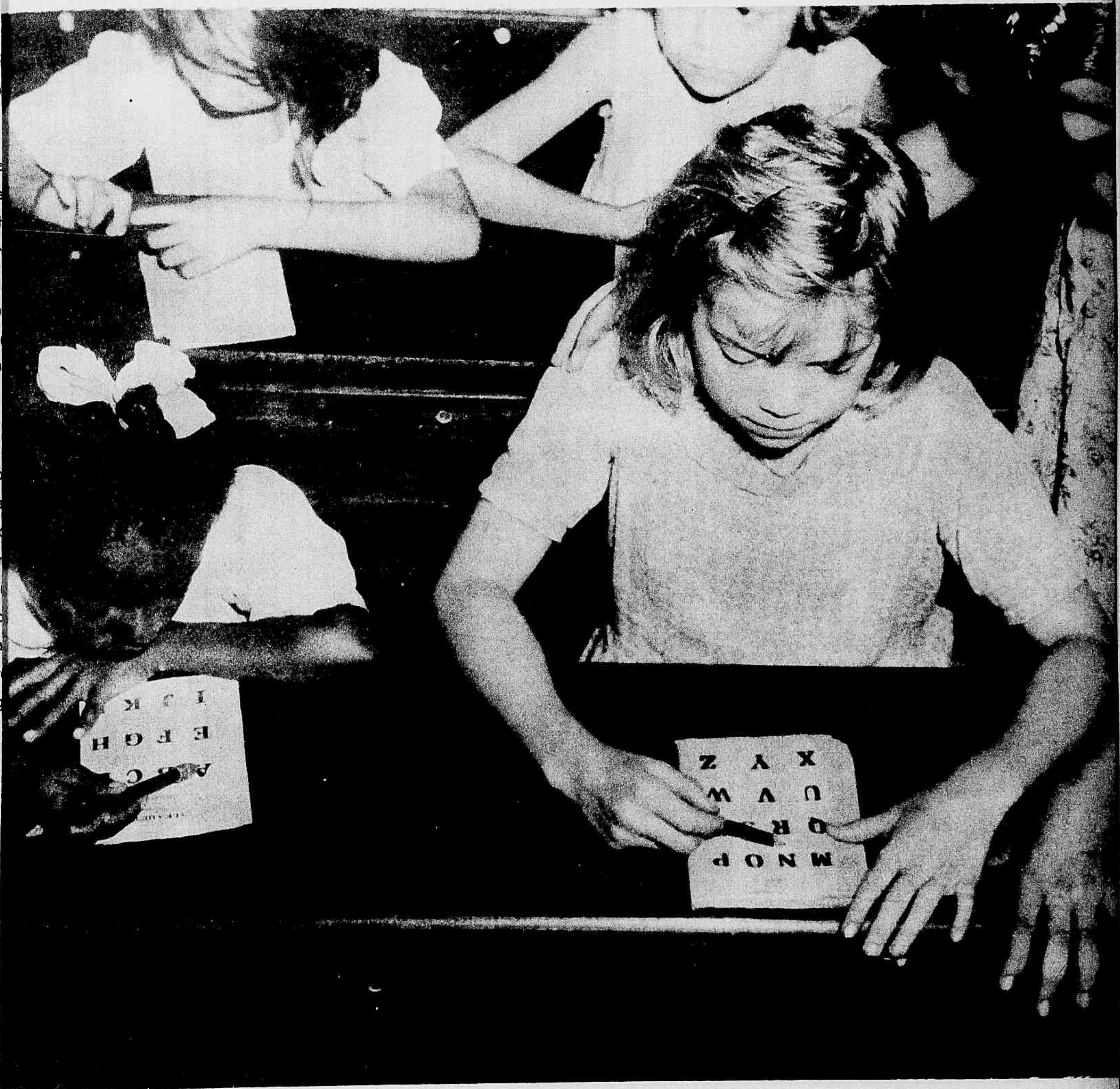
Depois que o molusco abre, é arrancado da casca à unha: fortes, longas e sujas. Dos trezentos quilos que cada barco traz, restam 30, depois de descascados. Voltam para as latas enegrecidas pelo fogo de lenha e cada um dos homens segue um caminho para a venda. No Mercado Municipal, é vendido por Cr\$ 12,00 o quilo, já nos restaurantes, (maiores fregueses) varia de Cr\$ 15 a 18, conforme o tamanho. Há também o freguês particular que espera a volta dos marisqueiros para comprar o produto. Esses pagam até 30 cruzeiros o quilo. Dia de sábado e domingo são os mais movimentados na venda direta ao consumidor.

♦ OUTROS PESCADOS

A procura do siri não é pesca firme. Precisam sair logo cedo e lançar suas redes em vários pontos diferentes, para saber «onde eles estão comendo» naquele dia. Muitas vezes voltam de mãos abanando. Mas quando descobrem, vale a pena, porque seu preço é muito mais alto e mais fácil de vender aos particulares. A ostra só é encontrada na Barra da Tijuca e rende bom dinheiro. Mas é preciso pertencer à Colônia de Pescadores da Barra, para poder fazer a apanhada no local. Às vezes alguns se arriscam por aquelas bandas, mas quando são apanhados, o corpo é que paga. Finalmente há a pesca ao camarão, feita com cestos longos com a isca no fundo e a boca larga. O camarão entra e fica dentro se alimentando, sem poder sair, até o momento em que levantam o cesto. Para a venda é quase impossível apanhar o camarão suficiente, só mesmo nos grandes barcos de pescaria com suas redes apropriadas e em alto mar. O que consegue dessa maneira rudimentar, vendem aos pescadores amadores que aparecem pelas pedras e alugam suas varas e iscas, por hora. Alugar varas é um negócio que deixa bom lucro, principalmente nas tardes de sábado e manhãs de domingo.

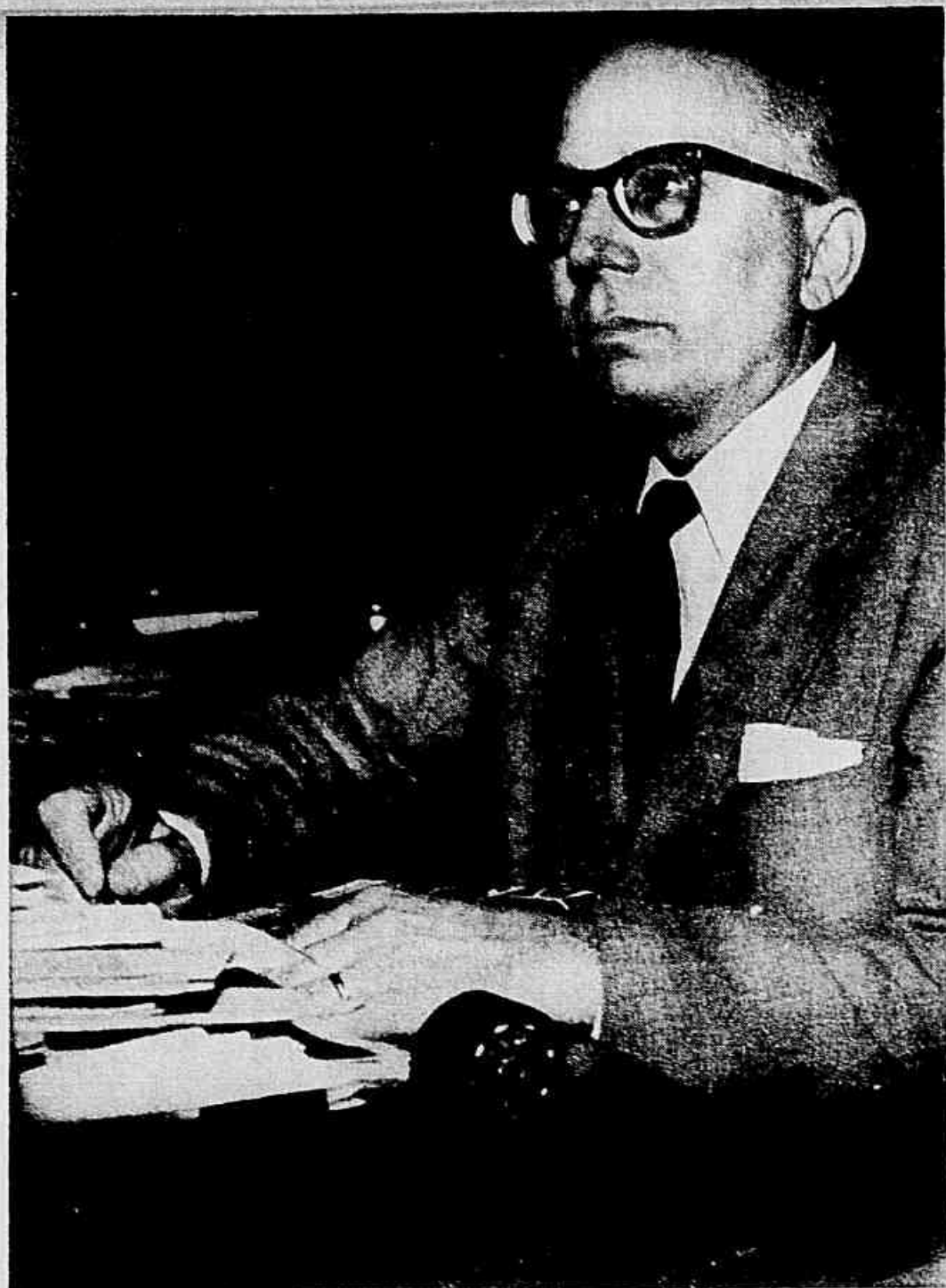
Mas a pesca certa, o que consideram meio de vida, é a mariposa, o mais mal da para a caninha que virá esquentar o corpo

Todos os anos (e ainda por 10 anos) no Distrito Federal



Poucas são as escolas bem aparelhadas. O futuro das crianças que a a foto mostra certamente será bem melhor. Mas é preciso pensar em tôdas.

100 MIL CRIANÇAS FICAM SEM ESCOLA



Frederico Trota, vereador (e general) do PSD: acha que descobriu a solução para a falta de escolas primárias no Rio.

CEM mil crianças por ano ficam sem escola, em plena capital da República. E a cifra tende a aumentar, porque, se a população infantil da cidade cresce em progressão geométrica, o número de vagas nos estabelecimentos primários da Prefeitura aumenta apenas em progressão aritmética. O vereador Frederico Trota, autor do projeto de criação do Fundo Municipal de Ensino Primário, depois de fazer as afirmações acima, acrescenta:

— Dentro de dez anos poremos fim, de uma vez por todas, ao drama dos excedentes nas escolas da Prefeitura.

Mas não há quem responda pelas crianças que, nestes próximos dez anos, não poderão alfabetizar-se.

◇ DUZENTOS MILHÕES

Há dois anos o vereador Frederico Trota apresentou, na Câmara Municipal, projeto (nº 127) dispendo sobre a criação do Fundo Municipal de Ensino Primário.

— Num cálculo feito a grosso modo — diz ao repórter — podemos ficar no mínimo de 200 milhões de cruzeiros por ano. Entretanto, pretendo apresentar um substitutivo ao meu próprio projeto, ampliando esses recursos.

Explica o líder do PSD donde virão os recursos:

— Do próprio Orçamento Municipal, de acordo com as discriminações que se encontram no artigo 2º do meu projeto. Essas discriminações se referem a percentagens da verba total da Secretaria de Educação, da verba destinada a subvenções e auxílios (nº 100), dos saldos de todas as verbas destinadas a fins educativos, das subvenções não empenhadas até 31 de dezembro de cada ano, da quota de cooperação do Governo Federal, de acordo com o artigo 171 da Constituição e, final-

mente, dos juros que todo esse dinheiro produzir, depositado no Banco da Prefeitura.

◇ DOTAÇÕES NÃO APLICADAS

— As dotações incluídas no orçamento para fins educativos — continua o vereador Frederico Trota — em sua maior parte não são empregadas, falseando-se, assim, o dispositivo constitucional que destina 20% da receita dos impostos à educação.

Segundo o projeto do Fundo de Educação, aquelas dotações não empregadas não se perderão. Vão somar-se ao Fundo e elas são, em geral, consideráveis.

— Inúmeras subvenções — revela o líder pessedista — incluídas no orçamento, mas não são pagas e, às vezes, não são empenhadas, porque as entidades a que se destinam não satisfazem os requisitos legais para recebê-las. Tais dotações reverterão para o Fundo.

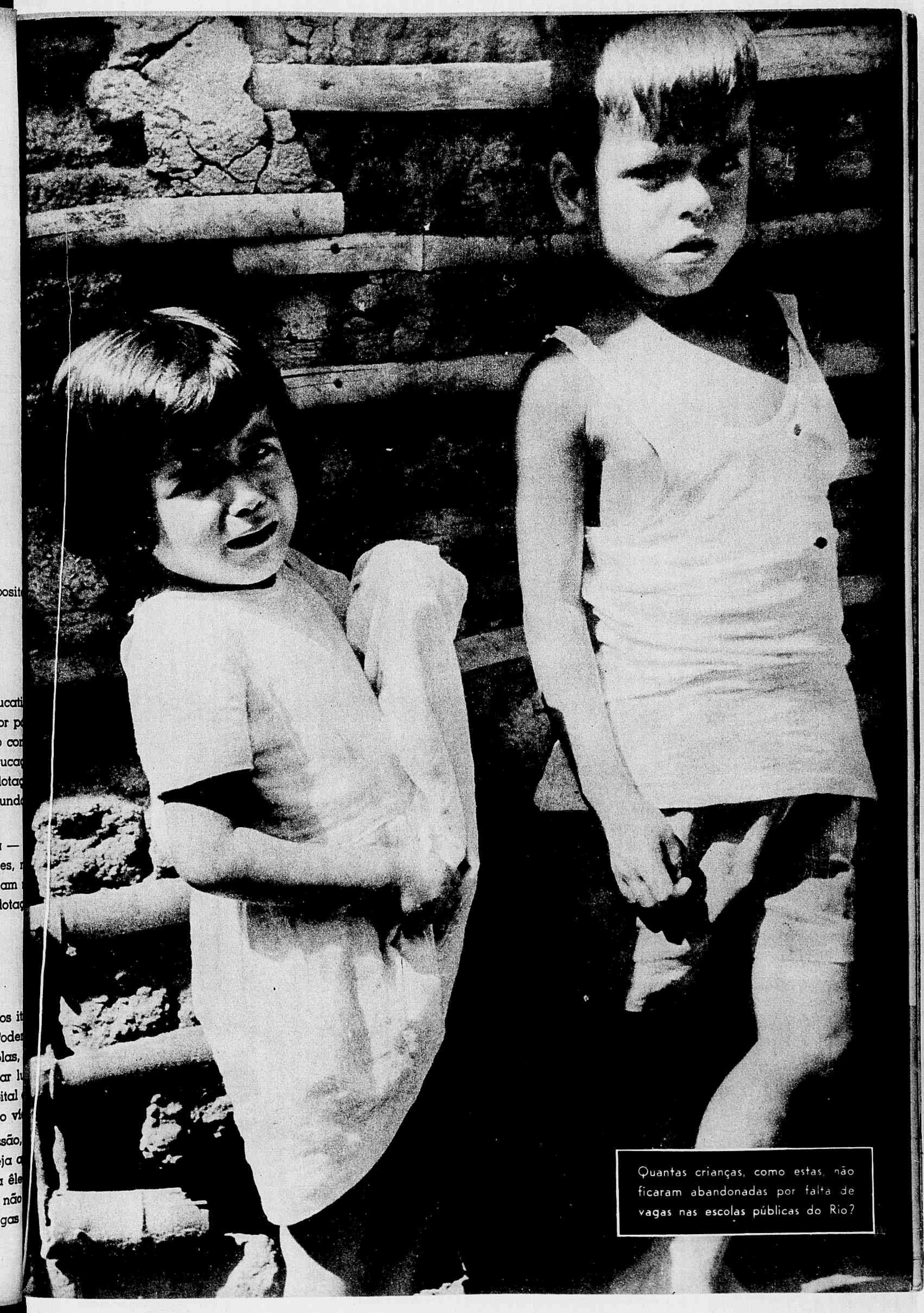
◇ OBJETIVOS DO FUNDO

Dois artigos (4 e 5) do projeto especificam, em vários itens, os objetivos do Fundo Municipal do Ensino Primário. Poderia resumirlos dizendo que eles se destinam a criar escolas, ampliar o ensino primário a cargo da Prefeitura, assegurar lugares, nos estabelecimentos escolares, às crianças da capital. Atualmente, são obrigadas a ficar nas ruas, adquirindo vícios.

O projeto encontra-se, hoje, em segunda discussão, no plenário da Câmara Municipal. O autor espera que seja aprovado ainda este ano e já elabora o substitutivo que a ele vai apresentar. Se for aprovado, pensa, dentro de 10 anos não haverá, no Rio, crianças analfabetas por falta de vagas em escolas.

COM A INSTITUIÇÃO DO FUNDO MUNICIPAL DO ENSINO PRIMÁRIO, PRETENDE O VEREADOR FREDERICO TROTA SOLUCIONAR, EM ALGUNS ANOS, O DRAMA DA FALTA DE VAGAS NOS ESTABELECIMENTOS DA PREFEITURA DESTA CIDADE

Texto de GILBERTO GUIMARÃES



Quantas crianças, como estas, não ficaram abandonadas por falta de vagas nas escolas públicas do Rio?

Do leito do hospital Bernadete desafia a Medicina

- MEU CASO NÃO É CÂNCER!

HÁ TRÊS ANOS OS MÉDICOS DERAM ALGUNS MESES

DE VIDA À PROFESSORA-MÁRTIR

DE CURRAIS NOVOS, MAS ELA RESISTIU E AGORA

(ESQUECIDA) FAZ UM APELO :

«LEMBREM A DONA SARA KUBITSCHKÉ QUE,

QUANDO ELA CUMPRIR A PROMESSA DE ENVIAR-ME

A LONDRES, PODERÁ SER TARDE DEMAIS.»

Texto e fotos de HELIO POLITO





(CONTINUA)

BERNARDETE (cont.)



«Deixe-me preparar. Não quero aparecer feia na fotografia...» Uma dispnéia levou Bernadete à tenda de oxigênio. Mas a professorinha não se deixa dominar pelo pessimismo.

«Lembre a Dona Sara: quando ela cumprir uma promessa de enviar-me a Londres, para da a

DO leito de um hospital de Recife, Bernadete, a professora-mártir de Currais Novos, desafia a Medicina: — Meu caso não é câncer! O repórter pergunta em que baseia tão firme convicção e ela responde, com tranqüila segurança: — Bastaria minha experiência de peregrinação pelos hospitais de cancerosos. Se eu fôsse portadora desse mal, não estaria resistindo até agora. Tenho visto casos menos complicados, e o paciente mal resiste uns poucos meses. Eu vou completar cinco anos, quase todos de vida normal. Até dezembro sempre dançava...

Agora, ela está pior. Mas não perdeu a esperança de curar-se, se Dona Sara Kubitschek cumprir a promessa de enviá-la a Londres.

♦ A MOÇA-MÁRTIR — No Brasil inteiro é conhecida a história de Bernadete, professora da localidade pernambucana de Currais Novos. Seu nome e sua fotografia apareceram nos jornais e revistas, como exemplo de estoicismo no sofrimento. Depois do médico Na-

poleão Laureano, ela surgira como bandeira da luta contra o câncer. Os médicos não lhe davam mais que alguns meses de vida e a tranqüilidade com que enfrentava a morte emocionava a opinião pública. Mas Bernadete não morreu. Esqueceram-na.

Agora, num quarto de hospital, em Recife, ela deixa a tenda de oxigênio para recordar ao repórter sua história, não antes de mostrar ao fotógrafo que lhe deixasse preparar-se, pois «não quer parecer feia».

♦ FEVEREIRO, 1954 — Em consequência de uma queda (recordo a professora) procurou o prof. Barros Lima, para extrair-lhe um tumor do ante-braço. O médico realizara exames, achara o tumor maligno e quisera amputar o membro. Ela não permitiu senão a simples extração do tumor, o que foi feito a 8 de fevereiro de 1954. Nessa data começou sua dramática história. Examinado o sarcoma ósseo — V o analista Bezerra Coutinho concluiu que o tumor era benigno. Na dr. Barros Lima respirou, aliviado, bendizendo a resistência da moça, o à amputação. O mal voltaria, porém, mais tarde, e, a 14 de junho, Acha



...uma tentativa, poderá ser tarde demais». ...a sua esperança está na capital inglesa.

Três anos depois de condenada a morrer de câncer em alguns meses, a professora de Currais Novos, com bom-humor e confiança, desafia a Medicina: «Não sou uma cancerosa!»

Em 1955, Bernadete sofria nova operação, no mesmo local, depois de recusar-se, novamente, a permitir a amputação do ante-braço. Poucos dias depois queixava-se de dores nas costas. A radiografia revelava uma sombra. Para muitos, não se podia falar, com segurança, de câncer. Uma simples micose poderia justificar aqueles sintomas. Para outros, tratava-se de um caso de metástase, isto é, reprodução do mal antigo em local diferente. Em uma palavra: câncer. Bernadete foi para o hospital, sua história veio para a imprensa, e alguns meses depois ninguém mais falou dela.

O DESAFIO DA ENFERMA — Encontramos Bernadete na tenda de oxigênio, para onde a levou uma dispnéia. Está abatida, magra. A doença e o sofrimento deixaram-lhe, no rosto, marca profunda. Mas a esperança brilha em seus olhos. Fala tranquilamente: — Você quer a verdade? É duro dizer, mas teria que falar algum dia. Não poderia ocultar o que penso, toda a vida. Em minha opinião, os médicos erraram no diagnóstico. Não sou uma cancerosa. Acha que sua resistência não é a resultante de cuidados especiais:

— Nem tanto. A medicação a que me tenho submetido, todo esse tempo, limitou-se a aplicações de «Nitromin» (injeções de mostarda), «Ten» e radioterapia na pleura.

♦ **A ESPERANÇA EM LONDRES** — Médicos (cujos nomes não podemos citar, a pedido deles próprios) têm a mesma opinião de Bernadete. Não é câncer o mal da professora. E esta, agora, arrepende-se de não ter permitido que a operassem, para que a medicina pudesse, com segurança absoluta, constatar seu verdadeiro mal. Mas não está pessimista, e não perde a fé em curar-se.

— Nem tudo está perdido. Não creio que esteja condenada irremediavelmente. Espero, apenas, que Dona Sara Kubitschek cumpra sua promessa de enviar-me a Londres, para a última tentativa. Tenho fé inabalável em que voltaria curada.

E, despedindo-se do repórter:

— Quer fazer-me um favor? Lembre a Dona Sara sua promessa. Se demora muito, poderá ser tarde demais.

Abdias Nascimento estreia
como autor dramático



Léa Garcia e Abdias Nascimento, como Efigênia (a noiva negra) e Dr. Emanuel (personagem principal) de "Sortilégio", mistério negro que o TEN leva ao Teatro Municipal

SORTILÉGIO (NEGRO) NO MUNICIPAL



O diretor Léo Jusi num instante dos ensaios de "Sortilégio", peça que considera a mais difícil de quantas dirigiu



Ítalo de Oliveira desempenha o papel expressionista do "Orixá" e é o criador das danças rituais. Matilde Gomes, bela voz de contralto, é a revelação dramática de "Sortilégio"

"O AUTOR, A PEÇA E O TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO SE INTEGRAM E SE CONFUNDEM NA AVENTURA VITAL EM QUE SE EMPENHAM: TRANSFORMAR O NEGRO DA CONDIÇÃO DE OBJETO NA DE SUJEITO."



Helba Nogueira, primeira bailarina do Corpo de Baile do Municipal, é a esposa branca do Dr. Emanuel, na peça



Heloísa Hertã, da Escola de Teatro da Prefeitura, destaca-se no papel da 2ª Filha de Santo de "Sortilégio"



Zenilde Barroso, cantora e atriz é integrante da "teoria dos iaôs" do mistério negro de Abdias Nascimento

Abdias Nascimento estréia como autor dramático

♦ "Sortilégio" é o fruto da observação e da meditação de um negro ao longo de sua biografia".

Assim Abdias Nascimento, criador do Teatro Experimental do Negro, fala da peça com a qual estréia como autor dramático (Municipal, dia 21).

— Esta peça pertence à ordem da própria essência do Teatro Experimental, pois outra coisa não projetei, ao fundá-lo, que, através do expediente artístico, transformar as relações interraciais em nossa sociedade. O autor, a peça e o Teatro Experimental do Negro se integram e se confundem na aventura vital em que se empenham: transformar o negro da condição de **objeto** na de **sujeito**.

♦ SORTILÉGIO

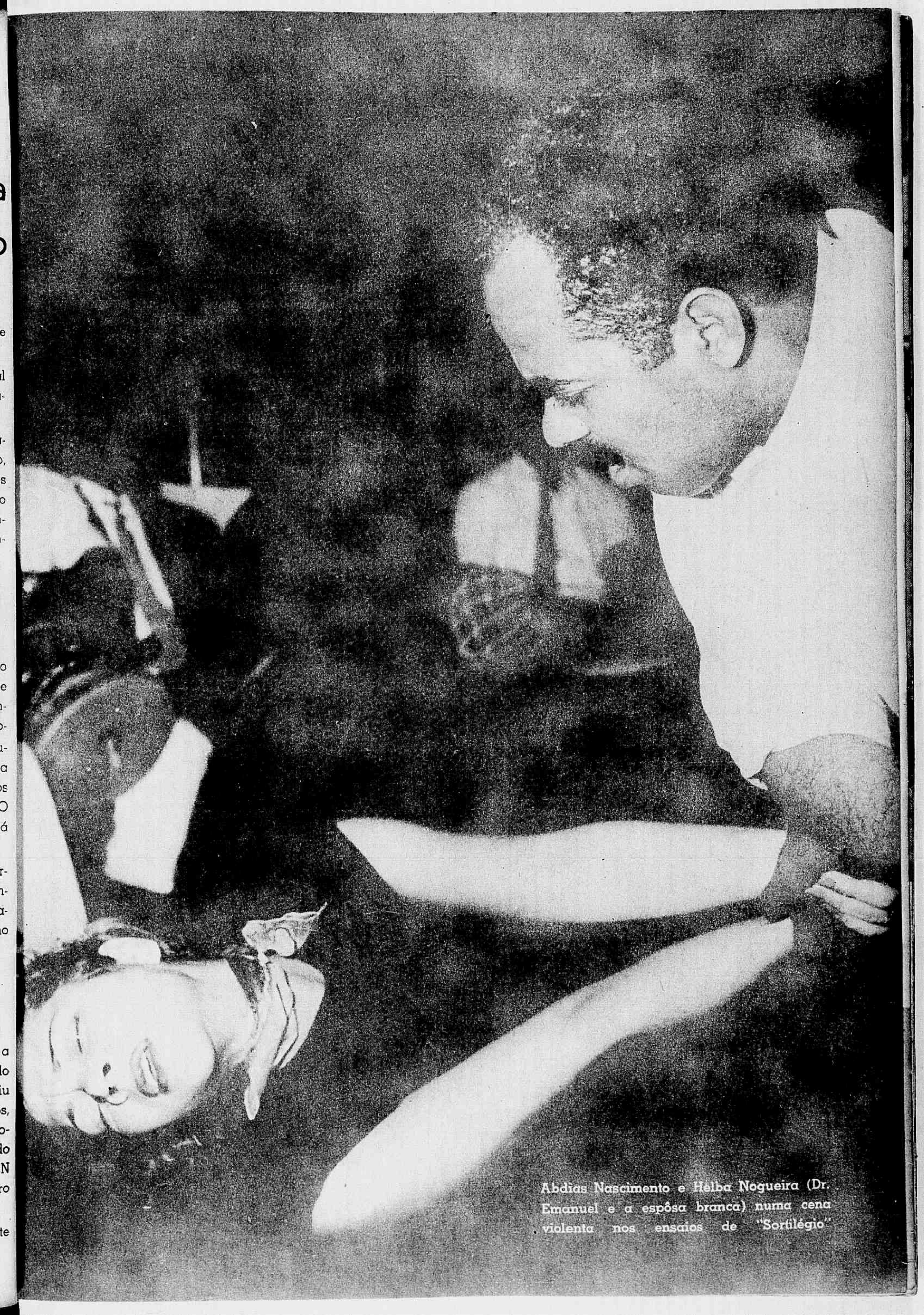
Léo Jusi (que dirigiu "Orfeu da Conceição", conquistando o Prêmio de Direção Dramática da Prefeitura) é o diretor de "Sortilégio". No elenco, além do próprio Abdias, no papel central (Dr. Emanuel), Léa Garcia (a noiva negra), Helba Nogueira (a esposa branca), Ítalo de Oliveira (o "orixá") e outras figuras conhecidas da ribalta. As danças rituais estão a cargo de Ítalo, as "máscaras negras" de Cláudio Moura e os figurinos de Júlia Van Roger. O cenário, de Enrico Bianco. O maestro Abigail Moura compôs a música litúrgica e dirigirá o Coral (em seu lançamento) da Orquestra Afro-Brasileira.

É o Teatro Experimental do Negro, com seus melhores intérpretes e recursos, esse Teatro a que Dom Helder Câmara considerou "uma das maiores realizações da arte dramática brasileira e a mais feliz afirmação das possibilidades do negro no campo da cultura."

♦ REALIDADE

— Aos poucos — diz Abdias Nascimento, recapitulando a obra que dirige — o TEN vem obtendo a transformação do negro de objeto em sujeito. Quando, por exemplo, conseguiu apresentar, no Teatro Municipal, um grupo de artistas negros, não como figurantes, mas impondo seus talentos como protagonistas de textos de alta envergadura trágica. Preparando e lançando intérpretes de categoria, vem promovendo o TEN a liquidação de velhos preconceitos que afastavam o negro de papéis de responsabilidade.

Abdias pode acrescentar, agora, novo e mais brilhante exemplo: "Sortilégio".



Abdias Nascimento e Helba Nogueira (Dr. Emanuel e a esposa branca) numa cena violenta nos ensaios de "Sortilégio"

SOCIEDADE

DE JERUSALEM



A CEGONHA TROUXE MARCO PARA
(SEMPRE FASCINANTE) SOLBIATT

aquel d
o ser p
ilhote

Con
erzede
olabel

Δ Já
e Wre
erdeiro
ndré

Δ A c
comac

Δ Bab
ligh-S
antos
espon

Δ A
hosteir

Δ A M
uito f

Δ Ildi
aram?
TV-Rio,

Δ Tan
istá ag

Δ Pel
inda
oanne
uma c
ilém
he tro

Δ E
andam
com e



Raquel dos Santos Jacinto disse «não» ao ser pedida em casamento por um play-boy milionário do «high society».

Tarso de Abreu (não está mais de casamento marcado) é visto pelo «soirée» escoltando diferentes beldades.

A paulista Milu Loureiro continua transitando no Rio de Janeiro e como sempre sem «date». Até quando, Milu?

Este é o «Country-boy» Plininho de Carvalho que está, atualmente, escoltando uma loura realmente fascinante.

GOSSIPS

Comenta-se que realmente existe um caso-sentimental entre Rosinha Perzedelo Machado e Roberto Lacerda, «ex-futuro» noivo de Verinha Olabela. Gossips são Gossips, e daí?...

Já decolou para Cuba a sra. Isabel Leitão da Cunha, ex-baronesa de Wrede. O «date» da fascinante Isabel mais constante no Rio foi o herdeiro do magnata dos «arranha-céus», Spitzman Jordan. O jovem André continua muito tristonho.

A colunista Alik («Última Hora») de São Paulo, chegou ao Rio, ficou camada e não transitou com seu caso-sentimental carioca.

Baby Thomas informa do Planalto que um paulista (de 56) do High-Society e cheio da «erva», apaixonou-se pela carioca Raquel dos Santos Jacinto, e fez de emergência um pedido de casamento. Raquel respondeu: — NÃO!

A «Insatisfeita» continua com a idéia «fixa» de recolher-se a um mosteiro ainda este ano.

A loura Maria de Lourdes Monteiro é sistematicamente uma beleza muito fascinante. Vocês não acham?

Ildinha Garavaglia com o galante João (Pipa) Amaral Filho. Reacaram? Só sei que o «Pipa» é muito disputado. Trata-se do dono da TV-Rio, meninas!

Tarso de Abreu depois de marcar e desmarcar vários casamentos está agora transitando pela «soirée» com diferentes «dates».

Pelo meu «gabinete-de-gossips» internacional sou informado de que ainda se comenta no High-Society de Nova York e Paris a morte de Joanne Conelly Patiño, que foi a cinderela cuja vida se transformou numa eterna meia-noite. Joanne, que foi uma menina rica e bem nascida, além de bela, sempre sonhou ser feliz, embora seus casamentos só lhe trouxessem sofrimentos e manchetes nos jornais. Morreu aos 27 anos.

E por falar em «menina rica», conheço muitos «play-boys» que andam querendo dar o «golpe-do-baú», que é sistematicamente um bom emprego.

△ No Recife, o jovem Fabiano Veras transitando pela «Soirée-Snob» local em companhia de várias beldades.

△ Os personagens do chamado **Romance-Proibido** reataram novamente.

△ Artie Shaw está de casamento marcado, e se não estou enganado será o nono. Shaw já foi casado com as mulheres fascinantes de Hollywood, como Ava Gardner, Rita Hayworth e outras.

△ A «Insatisfeita» do Planalto está na **prateleira** desde o começo do ano.

△ O milionário paulista Henrique Cunha Bueno transitou pela «Soirée-Snob» carioca escoltando várias beldades.

△ A paulista Bea Amaral, poderá ser uma das «Dez mais fascinantes do Brasil». Não acham?

△ Milu Loureiro continua transitando no Rio. Milu está (como sempre) sem «date». Gossips são Gossips, e daí?...

SOCIAL-SET

J. T. EM NITERÓI

★ Na «Soirée» do outro sábado, decolei para Niterói onde fui participar do júri que escolheu a srta. Jane Faria a nova «Charm-Girl» local. O júri em questão foi presidido pelo colunista Heron Domingues. Todo o «High-Society» de Niterói assistiu a esta festa que foi no pitoresco Club Hipico Fluminense. Antes, o casal Ildio Soares Filho recebeu para um «party». A festa foi uma promoção de caridade organizada pela sra. Otelina Pamplona e patrocinada pela sra. Miguel Couto Filho.



Em sua rica mansão situada a 30 minutos do Rio, a fascinante Liza Veiga serve, gentilmente, um café a Jeff Thomas. (Foto A Noite)

NEWS - WEEK

RECEPÇÃO A ERIC JOHNSTON — Sistemáticamente a promoção para o «High-Society» carioca mais importante na segunda semana de agosto foi a recepção dada pelo Embaixador de Hollywood, Mr. Harry Stone, a Eric Johnston, no Golden-room do Copacabana. Mr. Johnston é candidato às futuras eleições presidenciais nos EE. UU.

AS «GAFFES» do paulista Roberto Suplicy, são imperdoáveis. A última aconteceu no Golden-room.

A **PAULISTA** mais fascinante do momento, sra. Maricy Camargo Trussardi, aguarda para o fim do ano a visita da cegonha.

SISTEMATICAMENTE quero agradecer às pessoas amigas da sociedade carioca e paulista, e também aos leitores que me telefonaram (meu telefone tocou mais do que o sino de Notre-Dame), e inclusive telegrafaram, lamentando os acontecimentos da agressão a este colunista no «Golden-room» do Copacabana.

ESTÊVE no Rio durante uma semana, hospedada no Hotel Glória a morena e fascinante sra. Ary (Ana Maria) Ambrósio.

HELENINHA BRENHA, carioca que atualmente reside no Planalto, numa recente entrevista a este colunista declarou que não achava o sr. Adolfo Graça Couto elegante, dizendo que ele apenas veste-se bem. Quanto ao sr. Didu de Sousa Campos, não considera elegante porque exorbita em extravagâncias. Não concordo quanto ao segundo. A fascinante Heleninha está errada. Didu é realmente elegante.

VANJA ORICO vem aí conforme anunciei para vocês.

COMENTA-SE que a «preview» de gala de Dany Dauberson não foi uma promoção «suspense».

SOCIEDADE (Continuação)

COMENTADÍSSIMO o artigo que escrevi aqui sobre o «problema» de certas «hostesses». Estou sabendo que as que têm esse ridículo problema (?) estão se corrigindo... Antes assim.

O **CONHECIDO** alfaiate «Barreto» inaugurou nova gola (para letó) muito britânica.

INFORMO a vocês que já existem 5 nomes certos para a lista final das «Mulheres Mais Fascinantes do Brasil». Três são cariocas e duas paulistas. E' segredo.

ENTROU em fase de liquidação um assunto que deu motivo a inquérito contra o ministro Coriolano de Góis, então presidente da antiga Cexim. Após minucioso estudo o promotor da Vara estava o inquérito em questão não pôde oferecer denúncia de não haver elementos nem para o inquérito policial dada a incerteza dos fatos. Quanto ao jovem advogado Virgílio de Gó, «pivô» da questão, na época, foi também afastado da denúncia pela inexistência de indícios.

O **CANTOR** paulista Almir Ribeiro é a nova coqueluche da «A Noite». Trata-se de um bom cantor; recomendo.

CARMEM MAYRINK VEIGA, uma das mulheres mais fascinantes do Brasil, recebeu a cegonha. O galante Tony anda eufórico.

ATÉ A PRÓXIMA — Estou diariamente com vocês em «A Noite». Em outubro, Paris é minha pista...

LEITORES: continuem a escrever opinando sobre a minha lista das «Mulheres mais fascinantes».



Heleninha Brenha, em uma entrevista a este colunista declarou que não achava elegantes o Adolfo Graça Couto nem o Didu de Sousa Campos.



Didu de Sousa Campos, um dos homens mais elegantes do Brasil, não é, para Heleninha Brenha, elegante. Este colunista sistemáticamente discorda.

eresinha Morango (indecisa) confessa:



NÃO SEI SE DIGO "YES" AO BILL

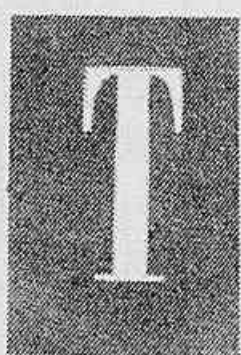
O JOVEM NORTE-AMERICANO (30 ANOS, RICO E SOLTEIRO) TIROU MORANGO «NA SORTE» E AGORA ESCREVE PEDINDO SUA MÃO — MISS BRASIL, CONFIDENCIAL: «ÉLE É UM AMOR, MAS ESTOU INDECISA» — PLANOS PARA O FUTURO: AMÉRICA DO SUL, EUROPA E JAPÃO — UM TERRENO EM BRASÍLIA

Texto e fotos de HÉLIO POLITO



"Vale a pena ser Miss Brasil
A gente se sente feliz, tão feliz que
vale a pena qualquer sacrifício"

Este é o Bill, o americano que está apaixonado por Teresinha Morango. A bela amazonense estava escondida nesta grande maleta e foi "rifada" em benefício de uma instituição filantrópica. Bill era o portador do bilhete sorteado e segundo Teresinha, ficou todo encabulado quando anunciaram o seu nome como vitoriosa.



TERESINHA Morango não sabe se responde "yes" ou "no" ao jovem norte-americano Bill (30 anos, rico e solteiro), que lhe pediu em casamento.

Miss Brasil de 1957 faz a revelação ao repórter e acrescenta, em tom confidencial:

— Ele é um amor, mas, mesmo assim, estou indecisa.

Bill tirou Morango "na sorte", em São Francisco. Durante um jantar a ela oferecido pela Câmara de Comércio da cidade, com objetivos filantrópicos, foi sorteada uma maleta da VARIG, cujo "conteúdo" era a bela amazonense. O bilhete premiado estava no bolso de Bill, e ele pôde ir, com a Morango, a várias buates, naturalmente em companhia de um grupo. E assim nasceu o amor.

♦ **A CARTA DIFERENTE** — Um dia destes — conta a Morango ao repórter — chegou uma carta dos Estados Unidos. Não era igual a tantas outras que chegam. Como as outras, também falava em amor. Mas era diferente, por que era de Bill, e porque terminava com um pedido de casamento. Ele, segundo Teresinha, é um tipo simpático e bem situado na vida. Diretor de importante companhia de navegação marítima.

— E possui um "big" Cadillac...

Mas o coração (tão solicitado) da brasileira ainda não se decidiu:

— Se o romance terá um "happy end", só o tempo dirá.

♦ **PLANOS PARA O FUTURO** — Miss Brasil fala de seus planos para o futuro. Agora vai cumprir contrato assinado com uma empresa fabricante de maiôs, visitando Porto Alegre, São Paulo, Recife, Buenos Aires e Santiago do Chile. O contrato é de 30 dias, 3 mil dólares e todas as despesas de viagem e hospedagem pagas, para ela e uma acompanhante. Após esse compromisso, estudará outras propostas comerciais que tem recebido de diversas empresas. Visitará, também, o Japão (a convite da Japan Airlines) e, possivelmente, a Europa, onde irá como prêmio do concurso Miss Cinelândia. E continuará, durante esse tempo, colaborando com instituições filantrópicas, comparecendo a festas de caridade.

♦ **PROPRIETÁRIA EM BRASÍLIA** — Miss Brasil tem recebido inúmeros presentes. Entre eles, um apartamento em São Lourenço e um terreno em Brasília. GANHOU, também, muitas jóias, num valor aproximado de 500 mil cruzeiros. Uma companhia

seguradora ofereceu uma apólice de 10 milhões de cruzeiros válida por um ano, que é o tempo de seu reinado de beleza. Assim Teresinha viaja com sua vida assegurada por elevada quantia.

♦ **É BOM SER MISS BRASIL** — A Morango aconselha às outras concorrentes bonitas de todos os Estados que participem do próximo concurso.

— Vale a pena ser Miss Brasil — confessa — A gente se sente feliz, tão feliz que pagaria a pena qualquer sacrifício. Uma coisa, apenas, lamento: é não existir absoluta cordialidade entre as concorrentes. Precisamos participar desses concursos com espírito esportivo. Assim acontece nos Estados Unidos, onde umas estimulam as outras. Muito diferente, aqui, onde muitas vezes aquelas que perdem não sabem manter a linha. Mas estou certa de que isso também vai melhorar no futuro.

♦ **O DIA DA MORANGO** — Antes de deixar Miss Brasil, o repórter observa como seu dia começa (era de manhã, Teresinha nos recebera às 9 horas). É quando o telefone (37-34) começa a tocar. Muitos fãs nem chegam a tentar uma entrevista pessoal, um convite. Contentam-se em falar pelo telefone, sabendo que o tempo de Miss Brasil é muito escasso. As vezes, para atendê-los, ela é obrigada a madrugar.

Depois são os compromissos sociais, os convites para almoços e jantares (inclusive com o Presidente da República), as festas de caridade, e até os repórteres. As vezes, mesmo um convite da mocinha do subúrbio, que deseja ter a sua dose de beleza em sua modesta mesa de aniversário.

♦ **TÍTULO DEFINITIVO** — Falou-se muito que seria apresentado recurso, à Corte Suprema dos Estados Unidos, contra a decisão do júri de Long Beach, de coroar Miss Universo peruana Gladys Zender, porque esta ainda não completara 17 anos. Os organizadores do Concurso acabam de informar, porém, que estão dispostos a manter o veredito do júri, se houver recurso, pretendem defender-se. Alegam que, segundo a lei peruana, quem tiver mais de 17 anos e menos de 18, considerado, para os efeitos legais, como sendo maior de idade. Assim, dizem, não foi violada a cláusula do regulamento do Concurso, segundo a qual só podem concorrer mulheres de 18. Aliás, logo ao chegar ao Brasil, Teresinha Morango declarou que não era sua intenção recorrer, embora achasse que Miss Universo devia ser Miss Alemanha.

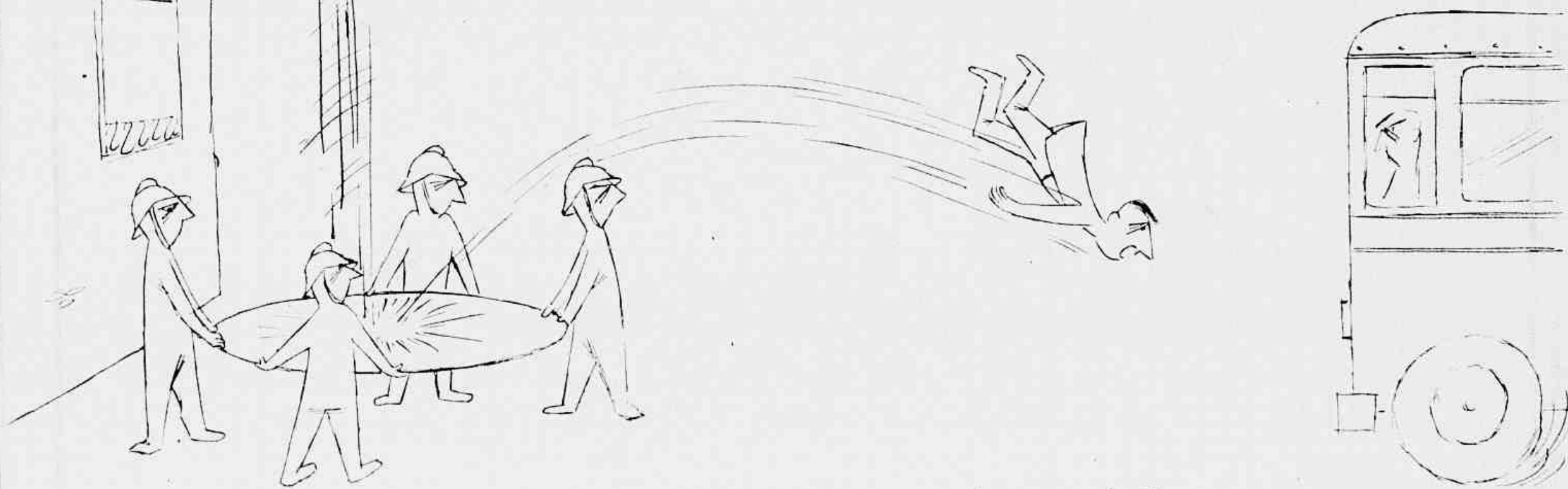
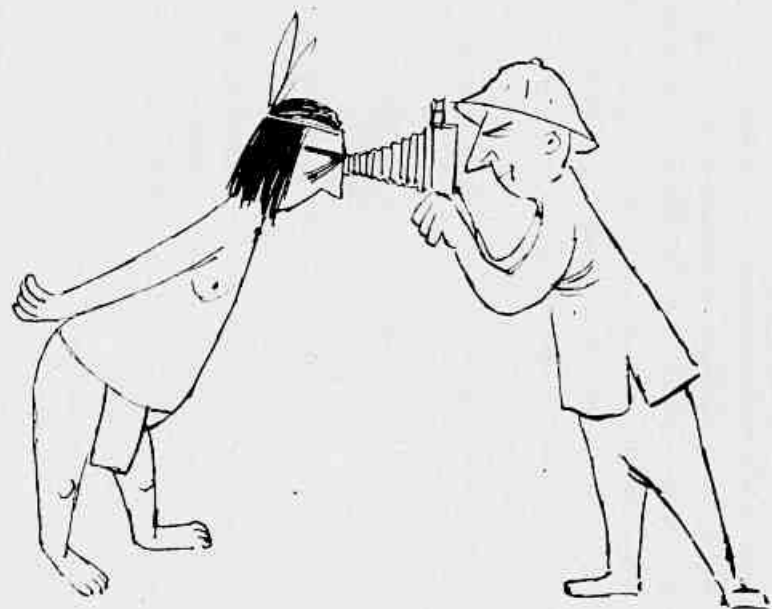
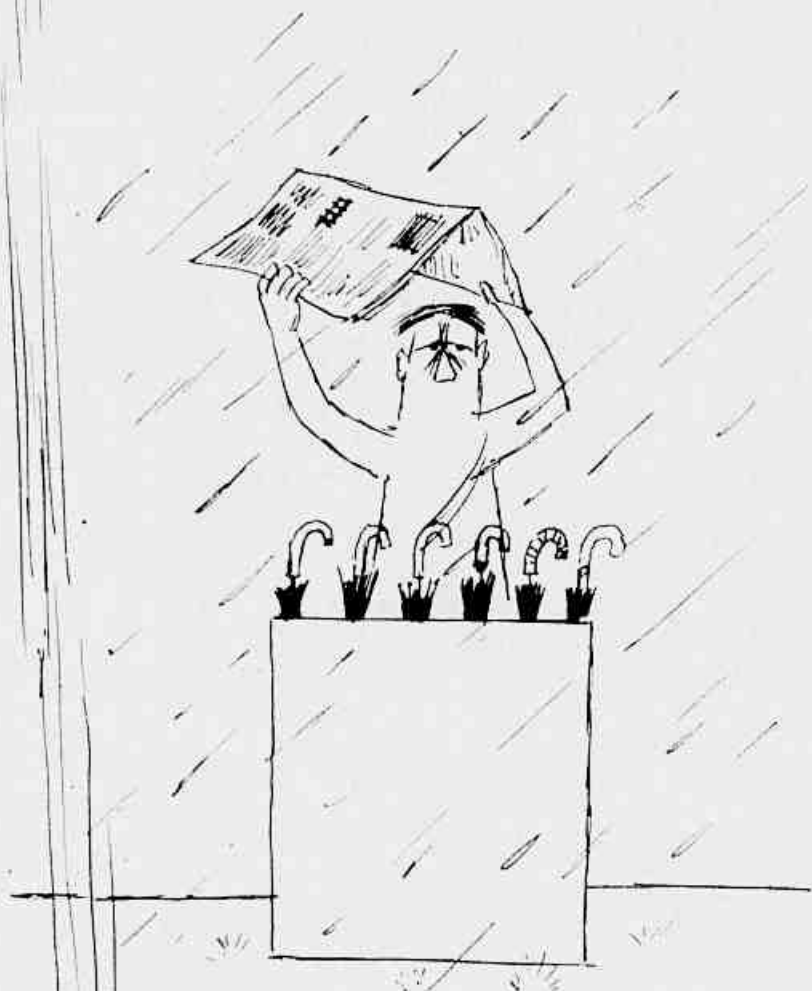
S
qu
ic
esin
e n
ópi
fic
rios
zei
ele
evo
is n
óxi
nte
riff
rdi
s o
sta
co
nan
hor
o
Te
-34
en
o te
cas
ra
bli
nes
rai
res
ntre
a
ara
om
jún
ue,
nei
de
eg
m
ora
cha



Em casa, Miss Brasil
descansa um pouco, en-
tre dois compromissos

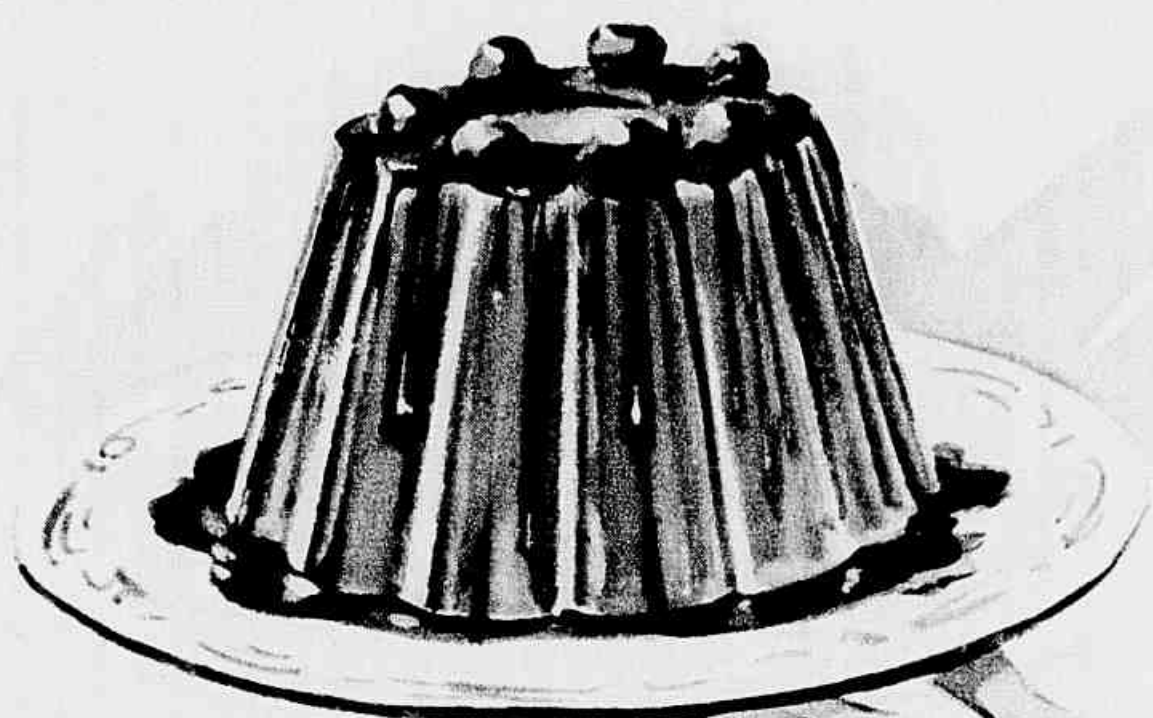


ÚLTIMO FLASH O sr. Maurício de Medeiros, Ministro da Saúde, em reunião do ministério, analisa entre espirros e acessos de tosse como se deve preparar o país para evitar a gripe asiática. (Foto do Jornal do Brasil).



AMBROZIO

CREMOGEMA



Para cremes, pudins,
mingaus, milk-shak,
bolos, etc., etc.

**SABOR DELICIOSO E GRANDE
PODER NUTRITIVO**

Fabricante:

SAN-CO Produtos Alimentícios

Rua Ana Teles, 409 — Rio de Janeiro

**PEÇA AO SEU
FORNECEDOR**